



**Ministério da Educação
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Pró-Reitoria de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Letras
Unidade de Currais Novos**

ELISA FRANCISCA DA SILVA NETA

**A ESCRITA DO ARTIGO DE OPINIÃO: TRABALHANDO A COESÃO
TEXTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL**

**CURRAIS NOVOS-RN
2023**

ELISA FRANCISCA DA SILVA NETA

**A ESCRITA DO ARTIGO DE OPINIÃO: TRABALHANDO A COESÃO
TEXTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, Unidade de Currais Novos - RN.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de pesquisa: Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes

Orientador: Prof. Dr. Mario Lourenço de Medeiros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial Profª. Maria José Mamede Galvão - FELCS
Currais Novos

Silva Neta, Elisa Francisca da.

A escrita do artigo de opinião: trabalhando a coesão textual no ensino fundamental / Elisa Francisca da Silva Neta. - Currais Novos, RN, 2023.

103 f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó, Programa de Mestrado Profissional em Letras, Currais Novos, RN, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Mário Lourenço de Medeiros.

1. Competência linguística - Dissertação. 2. Artigo de opinião - Dissertação. 3. Coesão textual - Dissertação. 4. Sequência didática - Dissertação. 5. Língua portuguesa - Ensino. I. Medeiros, Mário Lourenço de. II. Título.

RN/UF/BS-FELCS

CDU 808.5

ELISA FRANCISCA DA SILVA NETA

**A ESCRITA DO ARTIGO DE OPINIÃO: TRABALHANDO A COESÃO
TEXTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação submetida ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PROFLETRAS-UFRN), como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, na Área de Linguagens e Letramentos e Linha de pesquisa: Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mário Lourenço de Medeiros - UFRN
Presidente

Prof. Dr. Denilson Pereira de Matos – UFPB
Membro Externo

Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Paz – UFRN
Membro interno

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus, que é o ser supremo, a quem devo minha vida e todas as oportunidades que a mim têm sido ofertadas;

Agradeço aos meus pais, Teresinha e Geraldo, que têm sido os melhores professores que eu poderia ter, pois me ensinaram tudo, dando e sendo os melhores exemplos;

Aos meus irmãos, sobrinhos (as) e cunhados (as), que sempre acreditaram em mim e estiveram torcendo pelas minhas vitórias;

Ao meu esposo, Emanuel, que tem sido um grande parceiro, me ajudando em tudo, cuidando de mim, segurando minha mão para que eu não caia. Obrigada por tudo, meu amor;

Aos meus demais familiares: minha vizinha Elisa, meus tios, primos e todos os agregados que torcem por mim e me dão apoio;

Aos meus amigos, Júnior, Érica, Chica, Carol, Yasmine, Bruna, Roberta, Aline, Humberto, Jaciara, Luana (Lully), que não medem esforços para me ajudar, mesmo distantes, estão sempre presentes;

Aos meus colegas de curso: Sanilde, Samara, Leones, Lucas, Valéria, Leopoldo, Josenice que, mesmo sem me conhecerem pessoalmente, me deram auxílio sempre que foi necessário. Em especial, às meninas do meu “clã”: Josy, Jacielly, Mayara e Rita, que além de parceiras nos trabalhos, se tornaram minhas amigas;

Às minhas colegas de trabalho: Natana, Williany, Claudia e Rosalba, que estiveram presentes neste processo e contribuíram de forma expressiva para essa minha realização;

Aos professores do Mestrado Profissional, por todo o conhecimento compartilhado;

Aos membros do grupo de pesquisa TLB, por todo apoio e auxílio;

Ao professor Denilson Matos pelos ensinamentos e incentivo;

Ao meu orientador, o professor Mario Lourenço por toda a paciência comigo e por todas as contribuições neste trabalho;

Às escolas onde trabalho, nas pessoas dos gestores, pela flexibilização dos meus horários e aceitação da aplicação da sequência didática proposta neste trabalho;

De maneira especial, aos meus alunos do 8º ano da Escola Santa Terezinha, que aceitaram participar desta pesquisa. Todo o meu esforço e dedicação não teria valia se fosse por eles;

Por fim, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização deste sonho.

“Escrever é uma atividade que envolve, além de especificidades linguísticas, outras, pragmáticas. Creio que já se pode perceber como tudo na linguagem está inter-relacionado.”
(Antunes, 2005, p.33)

À minha tia Severina, Bibi (*In
memoriam*), por sempre
demonstrar profunda admiração
pelo meu esforço em estudar,
DEDICO.

RESUMO

O desenvolvimento da competência linguística, por parte de discentes, apresenta-se, a um só tempo, como uma aspiração, uma meta a ser buscada, bem assim, como um desafio para professores e professoras de Língua Portuguesa. Esta pesquisa foi realizada no ano de 2022 com 14 educandos com faixa etária entre 13 e 15 anos, na perspectiva de ampliar a competência linguística para a produção de textos coesos e coerentes desses discentes. O objetivo geral deste trabalho é mediar um processo de construção de artigos de opinião acerca de um problema social enfrentado por educandos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual, numa cidade do interior norte-rio-grandense. De maneiras específicas, busca-se possibilitar que os discentes tornem-se capazes de identificar a necessidade da coesão textual no gênero artigo de opinião, bem como perceberem a importância da coesão textual na produção escrita; executar uma sequência didática (SD) capaz de ajudar os educandos na escrita e também no reconhecimento dos níveis de formalidade dos textos e apresentar os resultados de uma proposta de intervenção relacionada à coesão textual utilizando-se do gênero artigo de opinião. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa-ação, nos termos propostos por Tripp (2005). A intervenção configurou-se por meio da aplicação de uma Sequência Didática, nos moldes estabelecidos por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Para a construção do artigo de opinião foram utilizados os textos *Geração do celular*, Silva (2017); e *Polêmica sobre a carrocinha na cidade de São João do Sabugi - RN*, de Wanderlyn W. A. Fernandes. Os resultados obtidos na Fase I, demonstraram que a maioria dos alunos (79%) não compreendeu, inicialmente, os textos apresentados, por entenderem que faltava verbos (57%), preposições (29%) e conectivos (14%). Na produção do artigo de opinião (Fase II), houve uma participação de 10 alunos que entregaram o produto final e expressaram suas opiniões acerca de suas produções. Foi possível observar a evolução e progresso dos alunos após as aulas explicativas desenvolvimento da sequência didática organizada em 4 módulos (Fase I), apresentação, inicial, recebimento de textos, comparação com textos trabalhados e a produção textual; Na Fase II, produção do artigo de opinião, foram utilizados os módulos semelhantes à Fase I. Podemos atestar que a presente intervenção obteve resultados bastante significativos demonstrando que estes alunos são capazes de construir textos coerentes e coesos materializados na produção de artigos de opinião.

Palavras-chave: 1. Competência linguística; 2. Artigo de opinião; 3. Coesão textual; 4. Sequência Didática.

ABSTRACT

The development of linguistic competence on the part of students presents itself, at the same time, as an aspiration, a goal to be sought, as well as a challenge for Portuguese language teachers. This research was carried out in 2022 with 14 students aged between 13 and 15 years old, with the aim of expanding these students' linguistic competence to produce cohesive and coherent texts. The general objective of this work is to mediate the process of constructing opinion articles about a social problem faced by students in the 8th year of Elementary School at a state school, in a city in the interior of Rio Grande do Norte. In specific ways, we seek to enable students to become capable of identifying the need for textual cohesion in the opinion article genre, as well as realizing the importance of textual cohesion in written production; execute a didactic sequence (SD) capable of helping students with writing and also in recognizing the levels of formality of texts and presenting the results of an intervention proposal related to textual cohesion using the opinion article genre. Methodologically, this is action research, in the terms proposed by Tripp (2005). The intervention was configured through the application of a Didactic Sequence, along the lines established by Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004). To construct the opinion article, the texts *Geração do Celular*, Silva (2017) were used; and *Controversy about the cart in the city of São João do Sabugi - RN*, by Wanderlyn W. A. Fernandes. The results obtained in Phase I demonstrated that the majority of students (79%) did not initially understand the texts presented, as they understood that verbs (57%), prepositions (29%) and connectives (14%) were missing. In the production of the opinion article (Phase II), there was the participation of 10 students who delivered the final product and expressed their opinions about their productions. It was possible to observe the evolution and progress of students after the explanatory classes, development of the didactic sequence organized into 4 modules (Phase I), presentation, initial, receipt of texts, comparison with worked texts and textual production; In Phase II, production of the opinion article, modules similar to Phase I were used. We can attest that the present intervention obtained very significant results, demonstrating that these students are capable of constructing coherent and cohesive texts materialized in the production of opinion articles.

Keywords: 1. Language competence; 2. Opinion article; 3. Textual cohesion; 4. Following teaching.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Apresentação do trabalho sobre Coesão Textual. Apresentação da situação.	68
Quadro 2. Módulos da SD para a Coesão Textual.	70
Quadro 3. Módulos da SD - Coesão Textual. Apresentação da situação – 03:00h..	73
Quadro 4. Módulos da SD	74

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Você acha que o texto faz sentido?	77
Figura 2. O que você acha que falta nesse texto?	77
Figura 3. O que você acrescentaria para que este texto ficasse de acordo com o seu entendimento.	78

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 UMA ABORDAGEM SOBRE A GRAMÁTICA E SUA IMPORTÂNCIA PARA O APRENDIZADO EFICAZ DA ESCRITA	17
2.1 TIPOS DE GRAMÁTICA	22
2.1.1 Gramática Normativa	22
2.1.2 Gramática Descritiva	25
2.1.3 Gramática Internalizada	27
2.1.4 Regras no ensino da gramática para os discentes	29
2.1.5 Ensinar Gramática Eficazmente	32
2.1.5.1 Ensino de Gramática e Atividade Reflexiva	33
2.1.5.2 Ensino de Gramática e Produção de Sentidos	34
2.1.5.3 Ensino de Gramática, Variação e Normas	36
2.2 A LINGUÍSTICA COMO CIÊNCIA DA LINGUAGEM	37
2.3 LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA	39
2.4 COESÃO TEXTUAL	44
2.5 GÊNEROS TEXTUAIS ESCRITOS	46
2.6 O ARTIGO DE OPINIÃO	51
2.6.1 Estrutura do Artigo de Opinião	53
3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	55
3.1 METODOLOGIA DA PESQUISA-AÇÃO	55
3.2 TIPO PESQUISA	56
3.1.1 Abordagem de Dados da Pesquisa	57
3.2 Estado da Arte	57
3.4 CAMPO DA PESQUISA	58
3.5 OS PARTICIPANTES	59
3.6 SEQUÊNCIA DIDÁTICA COMO PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	60

3.6.1 Sequência Didática - Fase I	60
3.6.2 Instrumentos de Gerações de Dados	63
3.6.3 <i>Corpus</i> de Análise	68
3.6.4 Fase 1 - Coesão Textual	68
3,7 SEQUÊNCIA DIDÁTICA DA FASE II	71
3.7.1 Artigo de Opinião	72
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	76
4.1 FASE I - COESÃO TEXTUAL	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	92
ANEXO 1 - TEXTO CIRCUITO FECHADO (RICARDO RAMOS).....	96
ANEXO 2 - TEXTO O SHOW (AUTOR DESCONHECIDO)	97
ANEXO 3 - TEXTO GERAÇÃO DO CELULAR	98
ANEXO 4 - TEXTO POLÊMICA SOBRE A CARROCINHA NA CIDADE DE SÃO JOÃO DO SABUGI - RN.....	99

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma pesquisa realizada com jovens educandos do Ensino Fundamental, distribuídos de 13 a 15 anos, participantes de turma do 8º ano, numa escola pública de uma cidade do interior do Estado do Rio Grande do Norte. Essa turma foi escolhida por se tratar de jovens que ainda estão no processo de aprendizagem de construção de textos de opinião e também por terem dificuldades de utilizarem costumeiramente as normas tradicionais da Gramática da Língua Portuguesa em textos que requerem mais formalidade.

Escolher trabalhar com a docência permitiu vislumbrar a realização de um trabalho voltado ao auxílio dos educandos no processo de aquisição de saberes e domínio da Língua materna para que possam se expressar em qualquer situação, principalmente no que tange à coesão textual no processo de criação de textos diversos, principalmente, artigo de opinião.

Ao abraçar a carreira docente, sempre existiu algo muito evidente no meu pensamento, de que esta é a escolha mais assertiva que poderia ser feita em minha vida, pois, outrora, jamais havia compreendido a verdadeira importância de se aprender, entender e ensinar a Língua Portuguesa para adolescentes que estão numa fase de construção do aprendizado e da própria personalidade, que precisam se apropriar de saberes capazes de fazê-los expressar seus sentimentos e pensamentos. No entanto, recordando-me ainda a minha própria fase discente, nas escolas de ensino básico e médio, posso vislumbrar que nem eu e nenhum dos meus colegas podíamos entender a necessidade de dominar o que nossas professoras e professores se esforçavam para mediar em nossa sala de aula.

Numa das leituras acadêmicas, compreendi o pensamento de Libâneo (1994) ao afirmar que o trabalho docente possibilita que os alunos adquiram os conhecimentos científicos de forma duradoura e com grande domínio, bem como também posso ser capaz de criar inúmeras condições e meios para que eles consigam desenvolver habilidades intelectuais, dominar métodos de estudo e trabalho intelectual, dentre outras.

Estes objetivos norteiam a minha vida profissional na docência e permitem que busque, a cada dia, aperfeiçoar-me no ofício, pois a esta prática possibilita um vasto aprendizado acerca do reconhecimento da forma ou formas como os educandos se apercebem de como escrever, mediante as influências vivenciadas no seu dia a dia

e, com isto, também permite observar que alguns educandos tendem a não utilizar a variante padrão da Língua de coesão na escrita de textos, bem como as características do gênero textual artigo de opinião, geralmente só são ensinadas na escola.

Todavia, distando-se do pensamento de atribuir o termo “erro” às novas formas de escrita oriundas da vivência particular e coletiva destes discentes, busca-se auxiliar os jovens educandos do 8º ano, do Ensino Fundamental, com maneiras bastante viáveis de se fazerem entender através da sua escrita, através de expressões e frases construídas, utilizando uma forma coerente de produção de textos (artigo de opinião). Para que possam, dentre outros objetivos, obter êxitos nos processos seletivos que exigem a utilização da escrita e como também atenderem às constantes demandas que as inúmeras interações sociais nos impõem em termo de textos escritos, ou seja, fazer com que estes jovens educandos possam utilizar os termos considerados mais adequados sem perderem a originalidade de suas escritas que são recheadas de expressões cotidianas, as quais eles utilizam de forma natural e costumeira, com fácil compreensão entre si e a comunidade que residem.

Em relação a essas formas de escrita, destaque-se que, nos últimos 4 anos, os discentes vivenciaram uma nova realidade imposta pela pandemia Covid-19, que aterrorizou o mundo inteiro e fez com que estes discentes se readaptassem a outras maneiras de estudar. A pandemia fez com que o ensino presencial desse espaço ao ensino a distância e muitos dos discentes tiveram bastante dificuldades, pois não havia Internet em seus lares e nem dispositivos de acesso como computadores e celulares. Toda a escola passou por um processo de rearranjos e foi imprescindível uma maleabilidade para ajudar os educandos no processo ensino/aprendizagem a distância.

Alguns pais e mães buscavam as atividades impressas na escola para que os filhos pudessem acompanhar os conteúdos. As aulas iniciais, *online*, contavam com uma baixa frequência e mesmo assim, educandos e professores conseguiram atravessar esta etapa obscura onde houve descaso com saúde e educação. Após esse período, também foi necessário um processo de readaptação e ressocialização de educandos, professores e colaboradores da escola, em face dos prejuízos causados pela pandemia em termos de aprendizado e efeitos de ordem social e emocional.

Assim, quando foi possível uma participação mais efetiva e com o término da pandemia, constatou-se a necessidade de observar mais amplamente os textos escritos pelos discentes, acompanhando-os por um período de tempo; foi possível perceber que eles não se davam conta das ocorrências de coesão textual, na maneira como escreviam costumeiramente, assim como desconheciam as características do gênero textual artigo de opinião.

Diante desta realidade, é possível perceber que existe necessidades, por parte dos educandos, tanto de conhecer gêneros discursivos diversos quanto despertar ou atentar para o interesse de produzir textos que se encaixem nas normas exigidas por críticos que cobram regras e desprezam a mensagem, fazendo com que possam expressar com proficiência. Além disso, alguns dos discentes dos anos finais do Ensino Fundamental, têm por hábito escrever algumas palavras da mesma forma como as pronunciam no processo de comunicação oral. Frente a essas e tantas outras questões alusivas ao domínio da Língua Portuguesa é que se justifica o nosso interesse em abordar, em estudar a coesão textual para a construção de artigos de opinião.

Ao se falar em gênero, convém lembrar que se trata de um número infinito, porém são instrumentos indispensáveis à comunicação entre as pessoas. Sobre isso, Dolz e Schineuwly (1998) apresentam o gênero como um mega-instrumento semiótico de signos, complexo e com níveis diferentes.

A esse respeito, Marcuschi (2008) declara a compreensão de que os gêneros devem ser entendidos como instrumentos capazes de realizar atividades comunicativas, quer sejam formais ou informais. O trabalho com gêneros proporciona ao professor a observação e a avaliação do desempenho de escrita dos discentes antes e depois da aplicação. Também se observa que a utilização de sequências didáticas propicia uma melhor compreensão por parte dos educandos e ainda permitem que os professores trabalhem com uma maior diversidade de textos, que enfatizem todos os aspectos de ensino-aprendizagem e que possam ser capazes de relacioná-los com fatos sociais e históricos.

No presente trabalho focalizamos o tema relativo ao aspecto de textualização coesão textual, propondo uma intervenção capaz de auxiliar os educandos na escrita de artigos de opinião. Nesse contexto, aplicamos uma sequência didática na turma escolhida, que foi a turma do 8º ano do Ensino Fundamental composta por 14 educandos que foram incentivados a participarem da pesquisa, sendo respeitada a

vontade de cada aluno e aluna caso não quisesse participar das atividades sugeridas. Assim sendo, buscou-se desenvolver a competência linguística relacionada à escrita destes discentes, focando no reconhecimento da coesão textual, na escrita do gênero artigo de opinião.

Na vivência em sala de aula, é possível que o(a) professor(a) possa analisar a escrita dos discentes. Nesse propósito é importante levantar questões do tipo: Quais são as dificuldades destes discentes na escrita de textos formais? Quando foi a última vez que você, leitor(a), utilizou uma mesóclise? E, como estes discentes saberão identificar o que venha a ser uma mesóclise e, como e quando, eles a utilizarão?

As dificuldades não consistem somente no desvio das regras de ortografia, mas também no emprego de usos que são mais comuns na oralidade, a exemplo de formas reduzidas, típicas das conversas informais nas salas de bate-papo e em outros ambientes virtuais.

Assim, este trabalho, utilizando-se metodologicamente do recurso da Sequência Didática tem como objetivo geral é mediar o processo de construção de artigos de opinião acerca de um problema social enfrentado educandos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual, numa cidade do interior norte-riograndense. De maneiras específicas, busca-se possibilitar que os discentes tornem-se capazes de identificar a necessidade da coesão textual no gênero artigo de opinião, bem como perceberem a importância da coesão textual na produção escrita; executar uma sequência didática (SD) capaz de ajudar os educandos na escrita e também no reconhecimento dos níveis de formalidade dos textos e apresentar os resultados de uma proposta de intervenção relacionada à coesão textual utilizando-se do gênero artigo de opinião.

Em termos organizacionais, além desta introdução, que apresenta um breve relato do conteúdo do trabalho e como o trabalho da docência tornou-se imprescindível na minha vida; o trabalho é formado por mais 3 seções. A segunda seção constitui-se na parte que traz a fundamentação teórica que nos dá embasamento para o desenvolvimento do trabalho com a escrita de texto dos discentes e para a discussão dos resultados da pesquisa. Nele trazemos algumas discussões acerca do que é possível entender por Gramática, fazendo também uma diferenciação sobre língua e linguagem; abordamos ainda a Gramática: texto e ensino; a coesão textual; gênero e ensino; e artigo de opinião. A terceira seção é destinada ao percurso metodológico utilizado, na qual é apresentada a sequência didática; as

propostas metodológicas para o ensino de gêneros escritos; a sequência didática como meio para o ensino de Gramática; a caracterização da pesquisa; os sujeitos da pesquisa; e a geração de dados. A quarta seção compreende a análise dos dados; e, por fim, são apresentadas as considerações finais.

2 UMA ABORDAGEM SOBRE A GRAMÁTICA E SUA IMPORTÂNCIA PARA O APRENDIZADO EFICAZ DA ESCRITA

Gramática pode ser entendida como um “conjunto de regras” (POSSENTI, 2012), que embora não seja uma definição muito precisa, no entanto, também não é equivocada. Um conjunto de regras a serem seguidas, que são seguidas e que o falante da língua domina. Até quando a comunicação das pessoas estará atrelada ao uso de regras ou normas que impõem a forma de como falar, pensar, divergir ou concordar? Até quando os brasileiros estarão acorrentados a palavras ou conjuntos de palavras derivados de um idioma de um país distante que, por imposição (colonialismo) se instalou num país de proporções continentais que, atualmente, é povoado por brasileiros oriundos das mais variadas partes do planeta? Como os brasileiros vivem e convivem com as regras da língua portuguesa onde, cada vez mais, torna-se perceptível a consolidação da língua brasileira?

Nas sociedades humanas sempre foi essencial a presença da comunicação, portanto, acredita-se que o uso de regras ou normas para estabelecer essa comunicação perdurará enquanto existir sociedades humanas. O Brasil é um país que, sabidamente, possui dimensões continentais e abriga inúmeras comunidades que migraram para o nosso país em busca de liberdade, segurança e uma vida melhor e esses grupos trouxeram consigo, costumes e palavras que passaram a integrar a forma como a nossa língua é falada. A língua portuguesa falada no Brasil distancia-se da forma original, falada em Portugal, no entanto, este trabalho não se propõe a estabelecer parâmetros comparativos entre as formas faladas nos dois países, porém, faz-se necessário destacar as constantes mudanças ocorridas na língua portuguesa falada no Brasil.

Neste capítulo, busca-se discutir um pouco acerca da gramática e, para tanto, utilizamos um conceito extraído do livro Gramática contextualizada – “limpando o pó das ideias simples”, de Irandé Antunes que diz: “*gramática é um dos componentes de que se constitui uma língua*” (p. 24). Porém, a gramática não se constitui sozinha ou de forma separada das atividades verbais utilizadas pelos falantes, ou seja, todos os usuários interagem e realizam trocas linguísticas diariamente e isso possibilita a criação e consolidação do que se conhece como “norma” ou um uso regular (Antunes, 2014, p. 24).

Ao observarmos uma concepção abordada por Franchi (2006), acerca de avaliações realizadas com base no que se conhece como gramática normativa, o autor define a gramática como um conjunto sistemático de normas que possibilita aprender a falar bem e a escrever bem.

Essas normas foram estabelecidas por especialistas tendo, como base, o uso da língua consagrado pelos bons escritores, implicando dizer que, para saber a gramática, o indivíduo precisa conhecer essas normas e dominá-las tanto de maneira nocional quanto de maneira operacional, ou seja, para o autor, “*um bom gramático é aquele ou aquela capaz de ditar como se deve escrever, embasando-se nalguma lógica ou numa determinada lógica eleita por ele*” (Franchi, 2006, p. 16).

Outro conceito também abordado por Franchi (2006) está atrelado ao que o autor identifica como gramática interna, que é de natureza biológica e psicológica, oriunda das experiências linguísticas que o indivíduo adquire desde sua tenra idade. Nessa perspectiva:

Gramática corresponde ao saber linguístico que o falante de uma língua desenvolve dentro de certos limites impostos pela sua própria dotação genética humana, em condições apropriadas de natureza social e antropológica.

"Saber gramática" não depende, pois, em princípio, da escolarização ou de quaisquer processos de aprendizado sistemático, mas da ativação e amadurecimento progressivo (ou da construção progressiva) na própria atividade linguística, de hipóteses sobre o que seja a linguagem e de seus princípios e regras (Franchi, 2006, p. 25).

Como foi possível observar, o autor afirma que é necessário ocorrer uma ativação e amadurecimento, de forma gradual e progressiva, na própria atividade linguística.

Conforme o dicionário *online* Houaiss da língua portuguesa (2023), gramática é o conjunto de prescrições e regras que determinam o uso considerado correto da língua escrita e falada / tratado descritivo-normativo da morfologia e da sintaxe de uma língua. Ao abranger novos conhecimentos, pode-se afirmar que Gramática ultrapassa enormemente este conceito.

Segundo Franchi (2006), a gramática se faz presente em qualquer frasezinha que seja pronunciada por nós, no entanto, ela também pode ser considerada como restrigente ou limitante e pode ser utilizada, nas escolas, por professores que insistem em permanecer com esse tipo de pensamento restrigente que a utilizam em atividades que estão em jogo apenas questões de segmentação, descoberta de traços

categoriais, classificações e nomenclatura. O autor possibilita fazer uma reflexão acerca de professores que se limitam a compreender a Gramática como um objeto excludente dos seus educandos.

Antunes (2014), observa que a normatização gramatical pode ser utilizada como um meio de divisão de classes sociais, de pensamentos de superioridades e eleições, discriminação dos que não sabem falar, dos menos inteligentes que, coincidentemente, sempre são os mais pobres. A autora destaca que é esta visão arcaica de gramática que assegura a manutenção dos mais favorecidos, das práticas conservadoras e protege a língua dos riscos da ação subversiva de alguns falantes, ou seja, a manutenção do poder está ligada às classes que melhor dominam a gramática, enquanto os mais pobres continuam sem condições de alcançarem um *status* mais elevado por não dominarem a gramática.

Diante disso, é necessário que o professor esteja atento e não se limite apenas ao papel de leitor corretor e que, algumas vezes, favoreça a ocorrência de uma certa confusão acerca das normas ou regras com a descrição das classes de palavras, ou com a classificação dos tipos de orações e com a função dos termos constituintes dessas orações (Antunes, 2014).

Antunes (2014), destaca ainda que a gramática é parte da atividade discursiva e isso faz dela uma condição fundamental para o exercício de qualquer atividade verbal, no entanto, ela não é suficiente, ela é parte, apenas da atividade discursiva e que, apesar de não falarmos sem a gramática, também não falamos apenas com a gramática.

Por sua vez, Possenti (2012), lembra que gramática sendo compreendida como o “termo conjunto de regras” está ligada ao comportamento oral ou escrito de determinados membros de uma sociedade linguística e suas regras são referentes à organização das expressões que são utilizadas por eles, enquanto o domínio dessas regras que o falante possui está associado a hipóteses sobre os aspectos da realidade mental destes indivíduos.

Já Vieira (2018), alerta para o fato de que a gramática é um livro voltado ao serviço da semântica do texto, mas que nos materiais disponibilizados para 6º, 7º e 8º anos, existe pouca ou nenhuma exploração de recursos linguísticos do nível da frase, tais como predicação, organização sintática e papéis semânticos, efeitos da sintaxe para a pontuação, dentre outros.

Antunes (2007), por sua vez, afirma que, ao se falar em gramática, é possível estar se referindo às regras que determinam o funcionamento de uma língua específica; norma; e norma de uma perspectiva de estudo; de uma disciplina escolar ou de um livro. A autora conceitua gramática sob alguns aspectos, que podem ser observados a seguir.

Gramática como um conjunto de regras capazes de definir o funcionamento de uma língua: abrange os padrões de formação silábica, de palavras e suas flexões, frases e períodos e é preciso destacar que o indivíduo que fala uma língua conhece a sua gramática, mesmo que seja de forma inconsciente (Antunes, 2007).

A gramática como um conjunto de regras reguladoras do uso da norma culta: neste conceito, observa-se que abrange toda a realidade da língua, restringindo ao uso considerado como aceitável pela gramática normativa, ou seja, aquilo que é considerado como certo ou errado na língua e as definições adotadas levam em consideração motivos históricos e convenções sociais e não os motivos linguísticos, pois se preocupa com o que é considerado como socialmente mais bem aceito (Antunes, 2007).

No conceito de gramática como perspectiva de estudo dos fatos da linguagem é possível observar que o que é valorizado é a visão de mundo de cada época, pois existem diferentes perspectivas de linguagens, podendo umas ser mais centradas na língua como um conjunto de signos disponíveis aos falantes e outras que se direcionam mais para o uso real que o falante faz da língua (Antunes, 2007).

A gramática como disciplina de estudo é o conceito mais utilizado acerca de gramática para as aulas de Língua Portuguesa que se aborda o ensino de gramática, que deve ser desvinculado das aulas de literatura e redação (Antunes, 2007).

A gramática como compêndio descritivo-normativo de língua: a forma descritiva se destina ao estudo dos elementos da estrutura da língua, descrevendo-os ou apresentando-os de forma mais específica, enquanto a normativa visa o que é considerado como uso correto da língua (Antunes, 2007).

Já, segundo Travaglia (2009), existem três conceitos que podem ser aplicados à gramática: a) um manual de bom uso da língua que deve ser seguido por indivíduos que desejam se expressar de forma adequada; b) o que descreve uma estrutura e o funcionamento da língua, de sua forma e sua função; e c) o que considera a língua como um conjunto de variedades usadas por uma sociedade conforme o que é exigido numa determinada situação de interação comunicativa entre os usuários da língua.

De acordo com Maciel e Silva (2016), é necessário compreender que existem vários tipos de gramáticas e, entender os vários tipos, possibilita a oportunidade de conhecer a complexidade da língua portuguesa.

Voltando a Possenti (2012), no mesmo entendimento dos autores anteriormente referenciados, o mesmo pontua que a gramática pode ser definida como um conjunto de regras que podem ser entendidas de três formas: a gramática normativa, a gramática descritiva e a gramática internalizada. Além desta compreensão, o professor de Língua Portuguesa precisa conhecer e diferenciar os tipos de gramática existentes e observar qual tipo deve ser utilizado para mediar o aprendizado de seus educandos.

Todos os conceitos apresentados possibilitaram aprofundar os conhecimentos acerca de Gramática e, ainda, permitiram constatar a importância que se faz, para o docente de língua portuguesa sobre a compreensão dos tipos de gramática existentes, de modo a fundamentar a aplicação das diferentes perspectivas de abordagem em sua prática docente.

Assim, podemos conceber que Gramática é um conjunto alinhado de prescrições e regras que norteiam a construção correta de uma língua escrita e falada, abrangendo os elementos que compõem a estrutura de uma língua nacional, embasada na cultura e na forma de comunicação de sua população, principalmente porque a Língua é viva e contínua, mutável e adaptável, maleável e acessível, por isso, a Gramática precisa ser dinâmica e atualizada. Nenhum graduando entra numa universidade para aprender a usar a Gramática, pois pressupõe-se que ele ou ela já tenha bastantes conhecimentos, porém, é aprendido como tornar-se um professor de Língua Portuguesa e um disseminador de conhecimentos de como os educandos podem transmitir suas ideias utilizando o arcabouço linguístico adquirido previamente adequando-o às necessidades exigidas.

2.1 TIPOS DE GRAMÁTICA

Os conceitos de gramática, como visto, podem variar de escritor para escritor, no entanto, aqui, serão elencados os três tipos de gramáticas ou três diferentes perspectivas principais de se abordar gramática. São eles: gramática normativa, gramática descritiva e gramática internalizada (Possenti, 2012).

2.1.1 Gramática Normativa

O termo Gramática Normativa está associado ao conjunto de regras que precisam ser seguidas, sendo bastante conhecida pelos professores do ensino fundamental e médio, pois é a definição mais divulgada nas gramáticas pedagógicas e nos livros didáticos e os seus autores; destinam-se a fazer com que o leitor aprenda a falar e escrever corretamente, sendo constituída de um conjunto de regras que, se utilizadas corretamente, produzirão, como efeito, o emprego da variedade padrão (escrita e/ou oral), sendo conhecidas como normativas ou prescritivas (Possenti, 2012).

A gramática normativa é um conjunto de regras e normas prescritivas que buscam estabelecer padrões de uso da língua, geralmente com base em uma norma-padrão ou culta da língua. Ela é voltada para o ensino e aprendizado da língua e tem como objetivo estabelecer um conjunto de regras que devem ser seguidas para que o falante possa se comunicar de forma correta e adequada em situações formais.

Possenti (2012, p. 63-4) ensina que gramática normativa é:

conjunto de regras que devem ser seguidas — é a mais conhecida do professor de primeiro e segundo graus, porque é em geral a definição que se adota nas gramáticas pedagógicas e nos livros didáticos. Com efeito, como se pode ler com bastante frequência nas apresentações feitas por seus autores, esses compêndios se destinam a fazer com que seus leitores aprendam a "falar e escrever corretamente". Para tanto, apresentam um conjunto de regras, relativamente explícitas e relativamente coerentes, que, se dominadas, poderão produzir como efeito o emprego da variedade padrão (escrita e/ou oral).

Geralmente, a gramática inclui regras relacionadas à ortografia, pontuação, morfologia, sintaxe e semântica, e pode ser encontrada em diversos materiais didáticos, como livros de gramática, manuais de redação e guias de estilo. No entanto,

é importante ressaltar que a gramática normativa é apenas uma das perspectivas possíveis sobre a língua, e que há variações linguísticas regionais, sociais e históricas que não estão contempladas por essa abordagem prescritiva.

Este tipo de gramática é voltado ao ensino da língua padrão, a norma culta. Este tipo de gramática prioriza a língua escrita, mesmo que ocorra detrimento da variedade oral da norma culta. É a Gramática Normativa que dita as normas do bem falar e escrever e considera apenas uma variedade da língua como válida e padrão; ainda segundo o autor, este tipo é o mais referido nas escolas e quando se falar em gramática, geralmente o pensamento é remetido a este tipo de gramática (Travaglia, 2009).

De acordo com Lima e Neves (2019), a gramática normativa promoveu e promove contribuições no tocante ao ensino da língua, pois é bom ter o conhecimento de um registro escrito contendo orientações em nível de linguagem do que se deve usar ou não usar em determinadas instâncias, numa sociedade; todavia, as autoras destacam que o equívoco existente acerca deste tipo de gramática é que durante muito tempo ela foi considerada como objeto único e irrestrito das aulas de português.

É pertinente enfatizar, todavia, que a norma culta brasileira é uma variante padrão da língua portuguesa que é utilizada em contextos formais e de maior prestígio social. Ela se caracteriza pelo uso de regras gramaticais, de vocabulário e de pronúncia que seguem o modelo da norma culta europeia, mas que apresentam também traços próprios da língua portuguesa falada no Brasil. É utilizada em diferentes contextos, como na escrita formal, em discursos públicos, em reuniões de negócios, entre outros. Ela é considerada uma variedade prestigiada da língua, e seu uso pode contribuir para uma melhor comunicação e para a expressão de ideias de forma clara e objetiva (Faraco, 2008).

No entanto, é importante ressaltar que o uso da norma culta brasileira não é uma exigência em todos os contextos, e que há uma grande variedade de formas de falar e escrever a língua portuguesa no Brasil. A diversidade linguística é um aspecto importante da cultura brasileira, e a valorização e o respeito pela variedade linguística dos diferentes grupos sociais devem ser incentivados.

A norma padrão, idealizada pela chamada gramática prescritiva, nos manuais de gramática, não passa de um padrão desejado de linguagem, uma vez que a língua é atualizada nos diversos atos de fala e, além disso, um sistema dinâmico e em constante evolução, influenciado por fatores sociais, culturais e históricos. Ela não é

uma forma única e imutável de se comunicar, mas sim uma convenção social estabelecida em determinado momento histórico e em determinado contexto social, ou seja, como destaca Faraco (2008), a norma padrão não é, na sua integralidade, assumida em nenhuma modalidade da língua, muito embora sirva como uma espécie de modelo, de espelho para a prática da chamada norma culta.

Faraco (2008) afirma que:

É preciso lembrar por exemplo, que a norma culta está vinculada estritamente ao espectro de práticas socioculturais que constituem o que se pode chamar de cultura letrada em sentido amplo, isto é, as práticas culturais que envolvem não apenas atividades de leitura e escrita como tais, mas toda e qualquer atividade (mesmo que, em si, se dê apenas oralmente) que tem o processo histórico do escrever como pano de fundo. Em outras palavras, a cultura letrada é, como tem procurado demonstrar os estudos sobre letramento (cf., entre outros, Soares 1998), maior do que apenas ler e escrever. Do mesmo modo, a norma culta é mais que apenas um rol de elementos léxico-gramaticais. Ela combina práticas culturais, valores sociais e elementos propriamente linguísticos (Faraco, 2008, p. 58).

Entende-se por norma culta, o conjunto imposto de pensamentos que direcionam a Língua escrita e falada embasada tão-somente nos conhecimentos letrados adquiridos na escola, afastando tudo o que não é de origem acadêmica à ignorância e reduzindo a população culta a poucos espécimes dominadores de uma forma polida e educada de falar e escrever.

A proposta da chamada norma padrão é importante em contextos formais e culturais, como na escrita de documentos oficiais, em discursos públicos, em aulas e palestras, entre outros. No entanto, é importante lembrar que a norma padrão não é uma exigência em todos os contextos, e que há uma grande variedade de formas de falar e escrever a língua portuguesa no Brasil. A diversidade linguística é um aspecto importante da cultura brasileira, e a valorização e o respeito pela variedade linguística dos diferentes grupos sociais devem ser incentivados.

A gramática prescritiva, conforme Bortoni-Ricardo (2005) é uma abordagem de ensino de gramática que se concentra no estabelecimento de regras e normas para o uso correto da língua, e que busca prescrever o que é considerado "certo" ou "errado" no uso da língua. Essa abordagem se baseia na ideia de que há uma norma ou um padrão correto de uso da língua que deve ser seguido, e que os discentes que cometem desvios dessa norma são considerados como pessoas que falam errado.

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder de persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades. Há que se ter em conta ainda que essas reações dependem das circunstâncias que cercam a interação. Os alunos que chegam a escola falando 'nós chegemu', 'abrido' e 'ele drome', por exemplo, tem que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas tem o direito inalienável de aprender as variantes do prestígio dessas expressões. (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 15).

A gramática prescritiva é centrada na forma e na correção gramatical, e seu objetivo principal é ensinar aos educandos as regras e normas da língua de forma a permitir que eles a usem de maneira "correta" e "adequada". Ou seja, mesmo com este conhecimento, a professora precisa ter a sensibilidade para acolher o aluno ou a aluna e fazer com que eles sintam o desejo de conhecer outras formas de falar e que dentre essas outras formas, encontra-se a que é considerada como norma padrão

No entanto, essa abordagem também tem sido criticada por muitos linguistas, que argumentam que ela é muito restritiva e que não leva em consideração a diversidade e a variação linguística. Eles argumentam que a língua é um sistema dinâmico e em constante evolução, influenciado por fatores sociais, culturais e históricos, e que o ensino da gramática deve levar em consideração essa variação e diversidade. Além disso, eles argumentam que o foco exclusivo na correção gramatical pode limitar a expressão individual e criatividade na língua.

2.1.2 Gramática Descritiva

Descreve e registra os usos da língua, em sincronia com o momento da sua existência e valoriza as variações linguísticas, trabalhando com qualquer variedade da língua, não somente com a considerada culta, dando preferência e valorizando a oralidade, pois a língua nasce primeiramente de forma oral e, posteriormente, na forma escrita (Travaglia, 2009). É uma abordagem linguística que tem como objetivo descrever e analisar a língua tal como ela é usada pelos falantes em contextos reais de comunicação, sem estabelecer normas ou juízos de valor sobre o que é certo ou errado. Busca compreender a gramática de uma língua a partir de uma análise

descritiva dos seus elementos constitutivos, como palavras, frases e estruturas gramaticais.

Segundo Possenti (2012), a gramática descritiva, ligada ao termo conjunto de regras que são seguidas, é a que orienta o trabalho dos linguistas, que têm como objetivo descrever e/ou explicar as línguas como são faladas, com o intuito de tornar explícitas as regras de fato que são utilizadas pelos falantes. “Uma gramática descritiva é tanto melhor quanto mais ela for capaz de explicitar o que os falantes sabem.” (p. 72). A gramática descritiva considera que todas as variações linguísticas são igualmente válidas e importantes para a compreensão da língua, e que o uso de diferentes formas e estruturas gramaticais está diretamente relacionado aos usos e funções comunicativas que os falantes atribuem à língua em diferentes contextos sociais e culturais.

Sobre a questão descritiva da gramática, Franchi (1991, p. 24) ensina que:

É claro que se pode definir assim "gramática", reduzindo-a ao papel prescritivo com base em uma modalidade-padrão da língua descrita. [...] É justamente esta posição que justifica inteiramente o despreço pelo estudo gramatical nas escolas. Quando a gramática se estuda pelos seus aspectos descritivos, vimos a pobreza de seus critérios e a inadequação dos métodos: faz-se da linguagem um objeto morto para as biópsias e autópsias da segmentação, da análise, da classificação. Quando incorpora a noção de uso, volta teimosamente e impenitentemente à forte componente elitista e repressivo. É como se não existisse nada em toda a publicação da sociolinguística. Que se deve aprender a modalidade culta? Claro. Mas isso não permite reduzir o estudo gramatical a um manual de etiquetas. Nem, muito menos, excluí-lo da linguística. Ao contrário, a teoria gramatical é o núcleo dessa ciência.

O autor ainda afirma que a gramática pode ser considerada como um sistema de noções responsável por descrever os fatos de uma língua (Franchi, 1991), ou seja, a gramática descritiva permite verificar o processo comunicativo a partir da descrição das estruturas, das regras e do funcionamento da língua (Franchi, 2006). De acordo com Lima e Neves (2019) a prática de descrição gramatical encontra-se, geralmente, baseada nas perspectivas estruturalista, gerativista ou funcionalista.

Travaglia (2009) também esclarece que, do ponto de vista do ensino descritivo, o funcionamento da linguagem e da língua deve ser percebido como uma instituição social e que não se deve alterá-la. Ao contrário da gramática normativa, que busca prescrever as normas e regras para o uso da língua, a gramática descritiva busca descrever as regras e padrões que são efetivamente usados pelos falantes da língua,

sem fazer julgamentos de valor sobre a sua adequação ou correção. A gramática descritiva é frequentemente utilizada em estudos linguísticos e em pesquisas acadêmicas sobre a estrutura e funcionamento da língua.

2.1.3 Gramática Internalizada

A gramática internalizada é a capacidade que os falantes de uma língua têm de dominar as regras gramaticais de forma intuitiva, sem necessidade de uma aprendizagem escolar e sistematizada das mesmas. Ou seja, é a habilidade que um falante tem de produzir e compreender a linguagem corretamente, sem precisar estar ciente das regras gramaticais que está utilizando.

De acordo com Possenti (2012), gramática internalizada é o termo que se refere aos conhecimentos que capacitam o falante a construir frases ou sequência de palavras de maneira que as frases e sequências sejam compreensíveis e reconhecidas como componentes de uma língua e as pessoas são capazes de reconhecer frases pertencentes à sua língua e que existe, em suas mentes, conhecimentos específicos, que são de dois tipos: lexical e sintático-semântico.

Sem entrar em detalhes, pode-se dizer que tal conhecimento é fundamentalmente de dois tipos: lexical e sintático-semântico. O conhecimento lexical pode ser descrito simplificada e como a capacidade de empregar as palavras adequadas (isto é, instituídas historicamente como as palavras da língua) às "coisas", aos "processos" etc. O conhecimento sintático-semântico tem a ver com a distribuição das palavras na sentença e o efeito que tal distribuição tem para o sentido. O léxico tem implicações na sintaxe-semântica, na medida em que as palavras têm exigências em relação ao outro nível. Por exemplo, para empregar a palavra "dizer" é necessário saber o que ela significa, por um lado, e, por outro, saber o que ela significa tem a ver também com exigir que esse verbo tenha um sujeito de tal tipo, complemento(s) de tal outro tipo etc. Como consequência desse saber, diante de uma sentença como "E a raposa disse para o corvo...", o falante tem duas alternativas: ou acha que a frase é estranha sem sentido, de um certo ponto de vista, já que raposas não falam), ou tem que colocar-se num outro mundo (que é, certamente, a alternativa mais comum). Se ouvir alguém dizer "O meu mãe não gosta", o falante de português tem de novo que escolher: ou conclui que há um problema (uma regra violada, já que em português se diz "a minha mãe...") ou supõe que o falante é estrangeiro. De fato, este segundo fato seria uma explicação do primeiro — só um estrangeiro poderia produzir uma forma como essa (Possenti, 2012, p. 68-9).

Essa internalização da gramática acontece por meio da exposição, do contato vivencial com a língua desde a infância, quando as crianças começam a imitar os sons

e as estruturas da língua que ouvem em seu ambiente. Aos poucos, a criança vai internalizando as regras gramaticais, as construções que são possíveis realizar, de forma que passam a fazer parte do seu conhecimento tácito da língua.

Segundo Travaglia (2009), a Gramática Internalizada é uma forma linguística internalizada que o falante possui mesmo que ele não tenha recebido o aprendizado sistemático, ou seja, ele detém o conhecimento gramatical (informal) e utiliza-o para comunicar-se eficazmente.

Para Franchi (2006), todo falante detém uma gramática interna (de origem de natureza biológica e psicológica) possui uma gramática interna ou pelo menos a interioriza desde a tenra idade, a partir de suas próprias experiências linguísticas e que é através da criatividade que o falante consegue desenvolver domínio sobre os princípios e regras pelos quais as expressões da língua são construídas.

Lima e Neves (2019), afirmam que a internalização da linguagem permite que os discentes sejam capazes de reconhecer determinados problemas da língua e considerem algumas estruturas agramaticais, não permitidas pela língua. Assim, o professor pode utilizar a gramática internalizada como um instrumento analítico e explicativo da linguagem dos seus próprios educandos (Franchi, 2006).

Quando o professor assume a posição de mediador do conhecimento do próprio aluno, ele se torna capaz de dinamizar o ensino de gramática tornando-o um processo ativo de criação no ensino de gramática, observando o processo de internalização de domínio dos educandos, desde antes de sua entrada na escola, o que permite que ocorra o desenvolvimento eficaz da competência comunicativa.

Os discentes criam hipóteses e o professor oferece liberdade para que a compreensão da linguagem aconteça partindo de um lugar comum e que produza comunicação e sentido; diz respeito à gramática internalizada qualquer atividade que permeie a produção de sentido (Lima; Neves, 2019).

Apresentar os diversos tipos de gramática é uma tarefa que exigirá bastante empenho do professor, todavia, quando este trabalho é executado de forma espontânea e natural, faz com que os educandos demonstrem confiança e interesse no aprendizado dos meios ou regras que precisam ser observadas para que possam construir seus textos, apresentando suas opiniões de forma compreensiva e coerente.

A gramática internalizada é, portanto, uma teoria linguística que postula a existência de um sistema mental inato, ou módulo de linguagem, que permite aos

seres humanos adquirirem e produzirem a língua de forma natural e intuitiva. Essa teoria foi desenvolvida por Noam Chomsky, um dos principais linguistas do século XX.

De acordo com a gramática internalizada, a língua é um sistema autônomo e independente de outros aspectos da cognição humana, e sua estrutura e organização são regidas por um conjunto de princípios universais que são compartilhados por todas as línguas do mundo. Esses princípios universais estão presentes na mente humana desde o nascimento e permitem que as crianças aprendam a língua materna de forma rápida e eficiente, mesmo sem instrução formal.

Cabe ao professor servir de mediador de conhecimentos compreendendo os diferentes tipos de gramática, de modo a poder apresentar aos educandos e com eles trabalhar o estudo da Gramática, de modo mais adequado, de forma aprazível para que os educandos se sintam entusiasmados para aprender os conceitos e regras gramaticais, enfim, a língua em suas diversas manifestações.

2.1.4 Regras no ensino da gramática para os discentes

Ao se deparar com o termo “regras” é necessário que se abordem dois sentidos distintos, o primeiro traz consigo a ideia de uma imposição autoritária, com o ônus de punição, caso não seja cumprida e quem as descumpra é considerado como ignorante, marginal ou grosseiro; o segundo sentido traz a noção de regularidade e constância (Possenti, 2012). Assim, ao mediar novos conhecimentos, o professor pode apresentar uma forma mais atrativa acerca de regras fazendo com que os alunos compreendam que se eles adquirirem uma constância ou regularidade, eles seguirão as regras gramaticais de uma forma mais fácil e tranquila, sem que exista a pressão de cobranças rígidas, porém observáveis e que precisarão ser utilizadas principalmente na construção de textos como artigo de opinião, redação de vestibular ou um livro.

O ensino de gramática pode ser realizado de diversas formas, e cada professor pode adotar aquela que melhor se adequa ao seu estilo de ensino e ao perfil dos seus discentes. No entanto, algumas estratégias pedagógicas que observamos nos estudos realizados podem contribuir para o sucesso do ensino de gramática. É um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento da competência linguística dos

educandos, e pode ser realizado de forma eficaz seguindo algumas estratégias pedagógicas:

a) Contextualização: é importante que a gramática seja ensinada de forma contextualizada, ou seja, a partir de situações reais de comunicação, para que os educandos compreendam como os elementos gramaticais são utilizados para construir sentido em diferentes contextos.

b) Variação Linguística: o ensino de gramática deve considerar a variação linguística, ou seja, as diferentes formas de uso da língua em diferentes contextos sociais, culturais e situacionais, para que os educandos possam compreender como a língua funciona em sua diversidade.

c) Atividades práticas: o ensino de gramática deve ser realizado a partir de atividades práticas e significativas, que possibilitem aos educandos a aplicação dos conceitos gramaticais em situações reais de comunicação.

d) Reflexão: é importante que os educandos sejam instigados a refletir sobre a língua, a fim de compreender como ela funciona e como os elementos gramaticais são mobilizados para produzir sentidos em diferentes contextos comunicativos.

e) Integração com as demais habilidades linguísticas: o ensino de gramática deve ser integrado com as demais habilidades linguísticas, como a leitura, a escrita, a oralidade e a compreensão auditiva, para que os educandos possam compreender como os elementos gramaticais são utilizados para construir sentido em diferentes gêneros textuais e situações comunicativas.

f) Avaliação: é importante que a avaliação do ensino de gramática seja realizada de forma formativa, ou seja, ao longo do processo de aprendizagem, a fim de verificar o desenvolvimento dos educandos e promover ajustes na prática pedagógica.

g) Tecnologias Educacionais: O uso de tecnologias educacionais, como plataformas de ensino online, jogos e aplicativos educacionais, pode ser uma forma eficaz de complementar o ensino de gramática e torná-lo mais atrativo e interativo para os discentes.

Em síntese, o ensino de gramática pode ser realizado de diversas formas, mas é importante que seja contextualizado, considere a variação linguística, seja prático e significativo, instigue a reflexão, seja integrado com as demais habilidades linguísticas, avaliado de forma formativa e possa se beneficiar do uso de tecnologias educacionais.

Nessa perspectiva, o ensino de gramática eficaz deve ser contextualizado, considerar a variação linguística, ser prático e significativo, instigar a reflexão, integrado com as demais habilidades linguísticas, avaliado de forma formativa e pode se beneficiar do uso de tecnologias educacionais.

Segundo Possenti (2012), as regras de uma gramática descritiva são semelhantes às regras da natureza, capaz de organizar observações sobre fatos sem nenhuma conotação valorativa e também se pode falar em regras para a gramática internalizada e elas expressam aspectos dos conhecimentos linguísticos dos falantes que têm propriedades sistemáticas, no entanto, não possuem conotação valorativa.

Pode haver diferenças entre as regras que devem ser seguidas e as que são seguidas, em parte como consequência, do fato de que as línguas mudam e as gramáticas normativas podem continuar propondo regras que os falantes não seguem mais —ou regras que muito poucos falantes ainda seguem, embora apenas raramente (Possenti, 2012, p. 64).

As regras gramaticais funcionam como um conjunto de normas que regem o uso da língua em relação à sua estrutura, significado e contexto. Elas podem variar de acordo com a língua e a variedade linguística, e são importantes para garantir a compreensão e a comunicação entre os falantes da língua.

Sobre as regras, é imprescindível destacar a afirmativa de Possenti (2012), quando destaca que a inteligência, a sofisticação mental ou a capacidade comunicativa não estão atreladas ao domínio de uma ou mais regras gramaticais. Este domínio de regras, geralmente, pode gerar avaliações especificando se o indivíduo é ou não é culto.

Para Vieira (2018), a escola precisa trabalhar com Gramática, pois é no ambiente escolar que os discentes recebem instruções que possibilitam que os mesmos e as mesmas trabalhem no processo de construção textos e diálogos considerados como cultos, também, ampliem os conhecimentos dos discentes sobre a importância de se reconhecer o que pode ser utilizado pelas gramáticas normativa, descritiva e internalizada.

Algumas das principais regras gramaticais de caráter prescritivo da língua portuguesa, apresentadas como necessárias ao bom uso, incluem:

a) Regras de ortografia: conjunto de regras que orientam a escrita correta das palavras, como a acentuação, o uso de maiúsculas e minúsculas, a grafia de palavras compostas e a escrita de palavras estrangeiras.

b) Regras de morfologia: conjunto de regras que orientam a formação e a flexão das palavras, como o uso dos gêneros gramaticais, dos números, dos tempos verbais, dos graus dos adjetivos e dos advérbios, e a formação dos derivados e compostos.

c) Regras de sintaxe: conjunto de regras que orientam a organização das palavras e das orações em uma frase, como a ordem direta e inversa das palavras, o uso de conectivos e a concordância entre os elementos da frase. Trata-se da organização da língua no eixo sintagmático.

d) Regras de semântica: conjunto de regras que orientam o uso e o significado das palavras, como os sinônimos, os antônimos, os homônimos e os parônimos.

e) Regras de pontuação: conjunto de regras que orientam o uso dos sinais de pontuação, como a vírgula, o ponto final, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação e os dois-pontos, a fim de estabelecer a organização e a clareza da frase.

No entanto, é importante ressaltar que a língua é um elemento dinâmico e vivo, e que as regras gramaticais podem variar de acordo com o contexto e o uso da língua. Por isso, é fundamental que o ensino de gramática leve em conta a variação linguística e o uso da língua em diferentes contextos comunicativos. Como visto, é imprescindível que os educandos aprendam as regras gramaticais e, para isto, o professor precisa escolher a melhor maneira de mediar os ensinamentos para seus discentes.

Neste trabalho destacamos que nos direcionamos para um processo de aproximação de discentes e gramática, fazendo com que o aprendizado seja contínuo e que cada educando possa aprender inúmeras maneiras de se expressar adequadamente utilizando a Língua escrita e falada com suas nuances cultas e populares, aproveitando os conhecimentos que foram construídos ao longo de suas vidas, em sua família, na escola e na sociedade em que se encontram radicados.

2.1.5 Ensinar Gramática Eficazmente

De acordo com Vieira (2018, p. 50), “o objetivo maior do ensino da Língua Portuguesa deve ser o desenvolvimento da competência de leitura e produção de textos” e a unidade textual deve ser o ponto de partida e de chegada das aulas de Português. E para o ensino eficaz na escola, é necessário que sejam observados três eixos de aplicação: Ensino de gramática e atividade reflexiva; Ensino de gramática e produção de sentidos; e Ensino de gramática, variação e normas.

2.1.5.1 Ensino de Gramática e Atividade Reflexiva

A atividade reflexiva deve ser constante e progressiva, a fim de instigar os educandos a refletirem cada vez mais sobre a língua e o seu funcionamento. Dessa forma, os educandos poderão desenvolver uma visão crítica e consciente da língua, o que contribui para a construção de uma sociedade mais consciente e reflexiva. Segundo Vieira (2018), a abordagem reflexiva da gramática possibilita levar os educandos, desde cedo, a diversificar os recursos expressivos com que fala e escreve, a operar sua própria linguagem, praticando a diversidade dos fatos gramaticais de sua língua.

De acordo com Vieira (2018), é necessário que as aulas sejam bem elaboradas com metalinguística e que não exista apenas um contato com o componente linguístico puramente intuitivo e improvisado. Este trabalho deve ser realizado com atividades linguísticas (atividades relacionadas ao trabalho com o texto e as atividades epilinguísticas como reflexão que considera as relações interlocutivas a desenvolver a autoria não empírica do aluno); epilinguísticas (atividades reflexivas sobre a linguagem em situações de interação); e metalinguísticas (atividades que coadunam quadros nocionais consolidados às interpretações expansivas axiológicas suscitadas pela epilinguagem) e decorrerá de reconhecimentos de construções linguísticas como matéria produtora de sentido.

O ensino de gramática e a atividade reflexiva são elementos fundamentais para o desenvolvimento da competência linguística dos educandos. A atividade reflexiva consiste em instigar os educandos a refletir sobre a língua e o seu funcionamento, a fim de compreender como ela é mobilizada para produzir sentidos em diferentes contextos comunicativos.

Nesse sentido, é importante que o ensino de gramática proporcione aos educandos a oportunidade de refletir sobre a língua, de forma crítica e consciente, em vez de apenas memorizar regras gramaticais sequenciadas, de forma mecânica e descontextualizada, obedecendo a uma sequência imposta como uma ordem imutável.

Para isso, o ensino de gramática deve levar em conta a variação linguística e as diferentes formas de uso da língua, permitindo que os educandos compreendam

como a gramática é mobilizada para produzir sentidos em diferentes contextos e situações comunicativas. É fundamental que o ensino de gramática seja integrado com as demais habilidades linguísticas, como a leitura, a escrita, a oralidade e a compreensão auditiva. Dessa forma, os educandos poderão perceber como os elementos gramaticais são utilizados para construir sentido em diferentes gêneros textuais e situações comunicativas, o que contribui para o desenvolvimento da competência comunicativa.

2.1.5.2 Ensino de Gramática e Produção de Sentidos

O ensino de gramática e a produção de sentidos estão intimamente ligados, pois a gramática é um dos elementos responsáveis por organizar e estruturar o sentido das frases e textos. Dessa forma, ao ensinar a gramática, é importante que o professor considere como os elementos gramaticais se relacionam com a produção de sentidos. Neste eixo, Vieira (2018, p. 27) afirma que “a construção textual resulta de uma série de operações a partir de um mundo real, extralinguístico ou pré-textual que se concretiza por meio dos processos de transformação ou de organização macrotextual”.

Segundo Neves (2006), os textos considerados como unidades de uso ou discursivo-interativas, apresentam temas linguísticos que possibilitam uma interpretação de seus elementos que compõem as estruturas da língua (quando se observa as funções inseridas em todo o sistema linguístico) e quanto a interpretação do sistema (quando se observam os componentes funcionais). Ainda, para a autora, existem quatro grandes áreas que destacam a interrelação gramática e texto e essas relações possibilitam o trabalho com o componente linguístico na perspectiva discursivo-funcional, que são:

- a) a predicação;
- b) a criação da rede referencial;
- c) a modalização; e
- d) a conexão de significados.

Pauliukonis (2007), ao se referir sobre a questão discursiva da unidade textual, afirma que a gramática tem importante papel na codificação de sentidos internos e

externos à materialização do enunciado e o texto que é criado deve ser visto como um evento em situação dialógica, em que os elementos linguísticos e extralinguísticos estão presentes e são codificados pela gramática e realizados de acordo com o contrato comunicativo que regula os diversos gêneros textuais, ou seja, a construção textual é um produto de uma série de operações a partir de um mundo real, extralinguístico ou pré-textual, que se firma através de dois processos, que são:

a) o de transformação, onde as escolhas do material linguístico permitem a tradução dos componentes do mundo real para o linguístico, através do relacionamento, atributos, entidades e processos (PAULIUKONIS, 2007); e

b) o de transação ou organização macrotextual, onde se organiza o resultado das operações nos modos de organização discursiva – narração, descrição e argumentação – para que ocorra a composição de diversos de textos que permitirão atos comunicativos (Pauliukonis, 2007).

A seleção linguística para a construção do sentido do texto ocorre, então, a partir de uma série de operações: identificação; caracterização; processualização ou representação de fatos e ações; modalização/ explicação; e relação e a disposição dos elementos discursivos em textos, segundo as formas de organização da matéria discursiva, faria, então, com que se construíssem os modos narrativo, descritivo e argumentativo (Pauliukonis, 2007).

Para que haja a produção de sentido, é preciso que o ensino de gramática não seja baseado apenas em regras, mas que considere a língua como um fenômeno social e dinâmico, que está em constante transformação e que possui múltiplas formas de expressão, a depender do contexto e da situação comunicativa.

Nesse sentido, é necessário que o ensino de gramática leve em conta a variação linguística e as diferentes formas de uso da língua, permitindo que os educandos compreendam como a gramática é mobilizada para produzir sentidos em diferentes contextos.

Além disso, o ensino de gramática deve ser realizado de forma contextualizada e integrada com as demais habilidades linguísticas, como a leitura, a escrita, a oralidade e a compreensão auditiva. Dessa forma, os educandos poderão perceber como os elementos gramaticais são utilizados para construir sentido em diferentes gêneros textuais e situações comunicativas.

O ensino de gramática não deve ser visto como um fim em si mesmo, mas sim, como um meio para desenvolver a competência comunicativa dos discentes e sua

capacidade de produzir sentidos de forma adequada e eficiente em diferentes contextos.

2.1.5.3 Ensino de Gramática, Variação e Normas

Segundo Vieira (2018) é necessário que os escolarizados conheçam as normas/variedades que efetivamente praticam, denominados de cultos na fala e na escrita brasileiras e que se possa avaliar a aproximação ou distanciamento dessas normas em relação a outras normas que os estudantes já dominam quando chegam na escola e a outras normas que se apresentam nos diversos gêneros textuais trabalhados nas aulas de Português, até de outros idiomas.

O que importa desses pressupostos ao ensino? Numa perspectiva didático-pedagógica³, devem-se conhecer as estruturas que pertencem às normas/variedades efetivamente praticadas por indivíduos escolarizados, chamadas aqui cultas, na fala e na escrita brasileiras, de modo a permitir que se avalie a proximidade ou a distância dessas normas em relação: (i) a outras normas já dominadas pelos estudantes quando chegam à escola; (ii) a outras normas que se apresentam nos diversos gêneros textuais trabalhados nas aulas de Português, que lidam com materiais brasileiros e às vezes estrangeiros, da sincronia atual e até de outras sincronias; e (iii) a normas tão idealizadas que acabam por registrar formas arcaizantes e até extintas da fala e da escrita contemporâneas, resultando em certo purismo linguístico (Vieira, 2018, p. 55).

O ensino de gramática é um tema muito discutido na área da educação e linguística. No que diz respeito à variação linguística, é importante que o ensino de gramática considere que a língua é um sistema vivo e em constante evolução. Isso significa que a língua está sujeita a mudanças ao longo do tempo, de acordo com fatores sociais, históricos e culturais. E o ensino de gramática é um assunto complexo e que tem gerado debates entre especialistas da área. Quando se fala em variação e normas, é preciso considerar que a língua é um fenômeno social e dinâmico, que está em constante transformação e que possui múltiplas formas de expressão, a depender do contexto e da situação comunicativa.

A variação linguística é um fato natural da língua, que se manifesta na escolha de palavras, estruturas e expressões que diferem de acordo com a região, a idade, a classe social, a cultura e outros fatores sociolinguísticos. Portanto, é importante que o ensino de gramática leve em conta a variação linguística e não restrinja o estudo da língua a uma única norma padrão. Reiterando que a dita “norma padrão” não passa

de um modelo, de uma ideia presa a prescrições, mas que não se efetiva em nenhuma modalidade da língua em uso, mesmo na escrita.

Por outro lado, é preciso reconhecer que essa dita norma padrão da língua, é uma convenção socialmente estabelecida e que serve como referência para a comunicação em diversos contextos formais, como a escrita acadêmica, a comunicação empresarial e outras situações em que é esperado um certo nível de formalidade. Portanto, o ensino de gramática também deve levar em conta as normas da língua, mas sem restringir-se a elas.

Assim, o ensino de gramática deve ser capaz de articular a variação linguística com as normas da língua, permitindo que os educandos desenvolvam a competência comunicativa necessária para se expressar de forma adequada em diferentes situações sociais e culturais. Para isso, é preciso adotar uma perspectiva funcional e comunicativa do ensino de gramática, que leve em conta as necessidades dos educandos e que valorize a reflexão sobre a língua, em vez de apenas a memorização de regras gramaticais.

O trabalho realizado como o componente linguístico no eixo de variação é fundamental para a operacionalização dos eixos anteriores, pois esta prática pode ficar dificultada ou impedida por falta do domínio de algumas construções linguísticas por parte dos educandos, fazendo com que o ensino de gramática como atividade reflexiva, aliado ao desenvolvimento da competência comunicativa precisa estar alinhado e em parceria ao trabalho com variação linguística para que ocorra o letramento, seja no nível de leitura ou de produção textual.

Para que este letramento ocorra de maneira eficaz é imprescindível que o indivíduo adquira uma compreensão acerca da linguística como ciência da linguagem.

2.2 A LINGUÍSTICA COMO CIÊNCIA DA LINGUAGEM

Ao estudar Linguística é necessário que possamos observar os ensinamentos de Saussure acerca do tema. A Linguística é a ciência que estuda a linguagem humana, suas estruturas, funcionamentos e variações, bem como o processo de aquisição, uso e produção da linguagem. Como ciência da linguagem, a Linguística

abrange diversas áreas de estudo, como a fonética, a morfologia, a sintaxe, a semântica, a pragmática, a sociolinguística, entre outras. Para Saussure (2012), língua é o sistema, é o todo, é o conjunto de signos de que uma comunidade se vale para se comunicar e também as regras que delimitam esse conjunto. Logo, língua é um fenômeno convencional, é coletiva, social.

A Linguística como ciência da linguagem busca compreender como a linguagem é produzida, interpretada e utilizada pelos falantes, bem como os mecanismos mentais e sociais envolvidos no processo de comunicação. Além disso, a Linguística também se preocupa em descrever e analisar as variações e mudanças linguísticas que ocorrem ao longo do tempo e em diferentes contextos socioculturais.

Saussure é considerado o pai da Linguística moderna. Ao estudarmos sobre esse famoso linguista, é frequente encontrarmos um grupo de dicotomias. O termo dicotomia designa a divisão lógica de um conceito em dois, de modo que se obtenha um par opositivo. Saussure (2012, p. 17) diz:

Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade.

A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação.

Saussure (2012) ensina que a linguagem é uma faculdade humana, uma capacidade que as pessoas têm de produzir e compreender a língua, ou seja, a capacidade de se comunicar. A língua é diferente. Ela é um produto social da faculdade da linguagem.

A língua, por ser social, também é convencional, ou seja, mantém-se por meio de um acordo coletivo entre os falantes. Assim sendo, o falante de uma língua, por si só, não pode fazer modificações nessa língua. Observa-se, também que, a linguagem é uma das características mais importantes e distintivas da espécie humana, e a Linguística desempenha um papel fundamental na compreensão e explicação desse fenômeno.

Saussure (2012) ensina que:

O papel característico da língua frente ao pensamento não é criar um meio fônico material para a expressão das ideias, mas servir de intermediário entre o pensamento e o som, em condições tais que uma união conduza necessariamente a delimitações recíprocas de unidades. O pensamento, caótico por natureza, é forçado a precisar-se ao se decompor. Não há, pois, nem materialização de pensamento, nem espiritualização de sons; trata-se, antes, do fato, de certo modo misterioso, de o "pensamento-som" implicar divisões e de a língua elaborar suas unidades constituindo-se entre duas massas amorfas. Imaginemos o ar em cantata com uma capa de água: se muda a pressão atmosférica, a superfície da água se decompõe numa série de divisões, vale dizer, de vagas; são estas ondulações que darão uma ideia da união e, por assim dizer, do acoplamento do pensamento com a matéria fônica (Saussure, 2012, p. 131).

Saussure (2012, p. 131) afirma, também:

A língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som; só se chegaria a isso por uma abstração cujo resultado seria fazer Psicologia pura ou Fonologia pura.

Como ciência da linguagem, a Linguística se utiliza de métodos rigorosos e sistemáticos para investigar a natureza e o funcionamento da linguagem humana, contribuindo para o avanço do conhecimento sobre essa importante área da cognição e da comunicação humanas, fazendo com que seja necessária a compreensão sobre língua falada e língua escrita.

2.3 LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA

Sobre essas duas modalidades de língua, é pertinente estabelecermos uma distinção entre elas. Há quem diga que a escrita é representação da fala.

A língua falada é a forma como as pessoas se comunicam oralmente, utilizando palavras, gestos, entonação, expressões faciais e outros recursos linguísticos e paralinguísticos para transmitir uma mensagem. É a forma mais comum e natural de comunicação, utilizada no dia a dia, em conversas informais, reuniões, palestras, apresentações, entre outras situações.

Ao contrário da língua escrita, a língua falada é mais informal e flexível, permitindo o uso de gírias, expressões coloquiais e construções gramaticais mais simples. Além disso, a língua falada permite uma interação mais imediata entre os interlocutores, com a possibilidade de ajustes e correções em tempo real, tornando a comunicação mais dinâmica e interativa.

No entanto, a língua falada também pode apresentar desafios, como a falta de clareza na expressão de ideias, a interferência de fatores emocionais e a falta de estruturação lógica na construção das frases e argumentos. Por isso, é importante desenvolver habilidades de comunicação oral, como a capacidade de escutar atentamente, organizar as ideias, expressar-se de forma clara e adequada ao contexto e público-alvo, entre outras.

A língua falada é uma forma fundamental de comunicação humana, presente em diversas situações da vida cotidiana e profissional, exigindo habilidades específicas para garantir uma comunicação efetiva e assertiva.

A língua falada no Brasil é extremamente diversa, refletindo as múltiplas influências históricas, culturais e regionais que moldaram a formação do país ao longo dos séculos. Atualmente, o Brasil é o país com maior número de falantes de português no mundo, com uma população de mais de 203 milhões de pessoas. De acordo com o IBGE, no Censo 2022,

Em 1º de agosto de 2022, o Brasil tinha 203.062.512 habitantes. Desde 2010, quando foi realizado o Censo Demográfico anterior, a população do país cresceu 6,5%, ou 12.306.713 pessoas a mais. Isso resulta em uma taxa de crescimento anual de 0,52%, a menor já observada desde o início da série histórica iniciada em 1872, ano da primeira operação censitária do país. Os dados são dos primeiros resultados do Censo Demográfico de 2022, divulgados pelo IBGE (Brasil, 2023).

No Brasil, a modalidade falada da língua portuguesa, apresenta uma grande variedade de dialetos e sotaques, que podem ser influenciados por fatores geográficos, sociais e culturais. Existe uma grande variedade de dialetos regionais, como o gaúcho, o mineiro, o baiano, o carioca, o nordestino, dentre outros. Há ainda uma grande variedade de gírias e expressões populares, que podem variar de acordo com a região e o contexto social. Essas variações linguísticas são muitas vezes objeto de estudo da sociolinguística, que investiga a relação entre a linguagem e os fatores sociais, culturais e históricos que influenciam a sua evolução.

Outra característica marcante da língua falada no Brasil é a presença de diversas influências linguísticas, como as indígenas, africanas e europeias. A língua portuguesa, trazida pelos colonizadores, sofreu influências das línguas indígenas e africanas, além de ter recebido influências de outros idiomas europeus, como o francês, o italiano e o alemão.

A realidade humana nos mostra que o homem pode ser definido como um ser que fala e não um ser que escreve; a oralidade não é superior à escrita, nem vice-versa (Marcuschi, 2010). Para Marcuschi:

A fala (enquanto manifestação da prática oral) é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê. Mais do que a decorrência de uma disposição biogenética, o aprendizado e o uso de uma língua natural é uma forma de inserção cultural e de socialização (Marcuschi, 2010, p. 18).

A escrita não consegue reproduzir todos os sons da fala, portanto, não deve ser vista como uma representação da mesma. Existem vários fenômenos da oralidade e vários movimentos que realizamos com o corpo, com as mãos, com os olhos e vários outros gestos que auxiliam na formação do sentido para a compreensão do interlocutor. Todavia, a escrita também apresenta várias características que não se encontram na fala, tais como o tipo de letra a ser utilizada, o tamanho, formato ou cores, etc., e isto nos permite ponderar que a oralidade e a escrita são práticas e usos da língua que usam o mesmo sistema linguístico e as duas modalidades possibilitam a construção de textos coesos e coerentes.

Destacamos que a fala é adquirida de forma natural, com o convívio diário com outros falantes da língua, enquanto a escrita é aprendida num ambiente escolar quando a criança já possui uma idade acima dos 5 anos e já consegue se comunicar através da fala, gestos e sons, enquanto na escola, a criança aprende a se comunicar por meio da língua escrita.

O uso monitorado da língua, também conhecido como monitoramento linguístico, é uma técnica de ensino que consiste em conscientizar o aluno sobre o uso adequado da língua portuguesa em situações formais de comunicação. Essa técnica pode ser aplicada em diferentes contextos de ensino, desde a educação infantil até o ensino superior. Stella Maris Bortoni-Ricardo autora do livro *Nós Chegemos na Escola e Agora?*, de 2005, propõe uma abordagem de uso monitorado da língua, que se baseia na ideia de que os discentes devem aprender a linguagem adequada para diferentes situações comunicativas (Bortoni-Ricardo, 2005).

Para a autora, o monitoramento linguístico deve ser aplicado de forma progressiva, ou seja, deve-se começar com situações comunicativas mais simples e avançar para as mais complexas. Sua abordagem também enfatiza a importância de

os professores trabalhem com as variantes linguísticas presentes na língua portuguesa, em especial as variedades regionais e socioeconômicas. Isso significa que os discentes devem ser orientados a usar a língua de acordo com as normas cultas, mas também a compreender e respeitar as diferenças linguísticas presentes em nossa sociedade.

O uso monitorado da língua pode contribuir para a formação de alunos mais conscientes e críticos em relação ao uso da língua portuguesa, preparando-os para situações comunicativas formais, como a escrita de textos acadêmicos, por exemplo. Além disso, a abordagem de Bortoni-Ricardo (2005), valoriza a diversidade linguística e cultural, o que pode contribuir para o fortalecimento da identidade cultural dos alunos.

Segundo Marcuschi (2010), o certo é que diariamente operamos com a língua em condições e contextos os mais variados e, quando devidamente letrados, passamos do oral para o escrito ou do escrito para o oral com naturalidade. Desta forma, produzimos texto a todo instante, sejam orais ou escritos, pois todo ato de comunicação ocorre por meio de textos e não de frases ou orações desvinculadas de suas reais situações de interação.

Partindo do princípio de que são os usos que fundam a língua e não o contrário, defende-se a tese de que falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação. Portanto, é a intenção comunicativa que funda o uso da língua e não a morfologia ou a gramática. Não se trata de saber como se chega a um texto ideal pelo emprego de formas, mas como se chega a um discurso significativo pelo uso adequado às práticas e à situação a que se destina (Marcuschi, 2010, p. 9).

Entendemos como pertinente tal afirmativa, pois quando produzimos um texto, é preciso ter em mente os objetivos que desejamos alcançar com aquela produção. Assim sendo, há a necessidade de adequar a linguagem à intenção de comunicação, bem como observar o gênero escrito e a sua estrutura.

A língua escrita é uma das formas mais importantes de comunicação em nossa sociedade, permitindo que as pessoas registrem e compartilhem informações, ideias, conhecimentos e experiências de forma permanente e acessível. Através da língua escrita, é possível transmitir mensagens complexas para um grande número de pessoas, independentemente da distância geográfica ou temporal.

A língua escrita tem como principal característica a sua capacidade de ser fixada em um suporte físico, como um papel, tela de computador, ou qualquer outro meio que permita a sua reprodução. Isso permite que o texto seja armazenado, revisado, corrigido e transmitido a outras pessoas, sem perda significativa de informação.

Além disso, a língua escrita permite uma maior precisão e clareza na comunicação, já que o texto pode ser organizado de forma lógica e coerente, com uma estrutura bem definida e regras gramaticais e ortográficas estabelecidas. Isso garante que a mensagem seja compreendida de forma mais efetiva pelos leitores, no entanto, ressalta-se que o texto escrito se constitui um evento que pode comportar diferentes interpretações.

No entanto, a língua escrita também pode apresentar desafios, como a necessidade de se seguir as normas gramaticais e ortográficas exigidas pelo registro culto da língua, o que pode tornar a escrita mais complexa e formal. Além disso, a escrita pode não permitir a mesma interação e dinamicidade da linguagem falada, tornando a comunicação mais estática e menos interativa.

Em resumo, a língua escrita é uma forma essencial de comunicação, que permite registrar e compartilhar informações de forma permanente e acessível. Embora apresente desafios, como a necessidade de se seguir as normas gramaticais e ortográficas, a escrita é uma habilidade fundamental para quem busca se comunicar com precisão e clareza em nossa sociedade para um público mais abrangente e até mesmo atemporal. O texto escrito tem essa capacidade de reverberar ao longo dos séculos na história de uma língua.

No Brasil, assim como no mundo em geral, a língua escrita tem uma importância fundamental em diversas áreas da sociedade, como a educação, a comunicação, a literatura e a ciência. Através da língua escrita, é possível transmitir informações e conhecimentos de forma precisa e permanente, garantindo a sua disseminação e preservação.

A língua escrita no Brasil, a exemplo da língua falada, também é influenciada por uma grande diversidade linguística, como os diversos dialetos e sotaques regionais, além das influências das línguas indígenas, africanas e europeias que moldaram a formação da língua portuguesa no país. Isso faz com que a escrita brasileira apresente uma grande variedade de expressões e gírias, que podem ser consideradas "erradas" ou "informais" pela norma culta da língua portuguesa.

Outro desafio enfrentado pela língua escrita no Brasil é a adequação do idioma às novas tecnologias e mídias digitais, como a Internet, e nesta, com especial destaque para as redes sociais. A escrita na Internet apresenta características próprias, como a utilização de abreviações, emojis e neologismos que podem representar um desafio para quem busca escrever de forma clara e efetiva.

Apesar dos desafios, a língua escrita no Brasil é uma forma essencial de comunicação e expressão, que permite registrar e disseminar conhecimentos e informações, além de possibilitar o desenvolvimento de novas formas de comunicação e expressão. Segundo Marcuschi (2010),

A escrita (enquanto manifestação formal do letramento), em sua faceta institucional, é adquirida em contextos formais: na escola. Daí também seu caráter mais prestigioso como bem cultural desejável. Daí também o fato de uma certa identificação entre alfabetização e escolarização, o que não passa de um equívoco (cf. Graff, 1995 e Frago, 1993), pois houve situações históricas, tal como o caso da Suécia, em que a alfabetização se deu desvinculada da escolarização (Marcuschi, 2010, p. 18-9).

Todavia, acreditamos que a valorização da escrita e o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita são fundamentais para a formação de uma sociedade mais informada, crítica e participativa. Assim, ao serem capazes de produzir textos, a norma culta requer que as pessoas produzam textos que sejam, efetivamente, coesos.

2.4 COESÃO TEXTUAL

Coesão textual é um termo usado na Linguística de Texto e na Análise de Texto para se referir à relação entre os elementos que compõem um texto e como esses elementos se interligam para formar um todo coerente e compreensível. De acordo com o conceito semântico apresentado por Halliday e Hasan (1976), a coesão textual se refere às relações de sentido existentes no interior de um determinado texto que são capazes de defini-lo como um texto. “A coesão ocorre quando a interpretação de algum elemento no discurso é dependente da de outro. Um pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro”. (Halliday; Hasan 1976, p.4).

A coesão textual é uma conexão linguística que possibilita uma ligação eficiente das ideias num determinado texto, fazendo com que a transmissão da mensagem ao

interlocutor seja recebida com um fácil entendimento. A coesão textual utiliza palavras e expressões que interligam os segmentos do texto que são denominados de elementos de coesão.

Em outras palavras, a coesão textual se refere aos recursos linguísticos que garantem a conexão entre as partes do texto, criando uma continuidade lógica e coerente entre elas. Esses recursos podem ser gramaticais, lexicais ou semânticos, e incluem, por exemplo, o uso de pronomes, conjunções, conectores, pontuação, repetições, dentre outros.

Segundo Halliday e Hasan (1976), a coesão é parte componente do sistema de uma língua sendo realizada através do sistema léxico-gramatical e existem formas de coesão realizadas através da gramática e outras, através do léxico. Também é possível considerar que a coesão é uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento crucial à sua interpretação.

A coesão, por estabelecer relações de sentido, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos, por meio dos quais uma sentença se liga com a que veio antes, aos recursos semânticos mobilizados com o propósito de criar textos. A cada ocorrência de um recurso coesivo no texto, denominam “laço”, “elo coesivo”.

Os mesmos autores citam como principais fatores de coesão a referência, a substituição, a elipse, a conjunção e a coesão lexical. Seus trabalhos têm servido de base para um grande número de pesquisas sobre o assunto.

Para Beaugrande & Dressler (1981), a coesão se refere ao modo como os componentes da superfície textual encontram-se conectados entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem gramatical.

Segundo Marcuschi (1983), os fatores de coesão são “aqueles que dão conta da estruturação da sequência superficial do texto”, afirmando que não se trata de princípios meramente sintáticos, mas de “uma espécie de semântica da sintaxe textual”, isto é, dos mecanismos formais de uma língua que permitem estabelecer, entre os elementos linguísticos do texto, relações de sentido.

Marcuschi (1983) afirma ainda que a coesão não é uma condição necessária e nem suficiente, pois existem textos destituídos de recursos coesivos, mas em que a continuidade se dá ao nível do sentido e não ao nível das relações entre os constituintes linguísticos.

Tais afirmações levam à distinção entre coesão e coerência: embora muitos autores tenham desconsiderado esta distinção, hoje em dia já se tornou praticamente um consenso que se trata de noções diferentes (Koch, 2010).

Para Beaugrande e Dressler (1981), a coerência se relaciona ao modo como os componentes do universo textual, ou seja, os conceitos e relações subjacentes ao texto de superfície são mutuamente acessíveis e relevantes entre si, entrando numa configuração veiculadora de sentidos.

Koch (2010) afirma que a coerência é responsável pela continuidade dos sentidos no texto e não se apresenta apenas como mero traço dos textos, mas como o resultado de uma complexa rede de fatores de ordem linguística, cognitiva e interacional. A autora também discorre sobre o fato de que se a coesão não constitui condição necessária nem suficiente para que um texto seja um texto, não é menos verdade, também, que o uso de elementos coesivos dá ao texto maior legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem.

Koch (2010) afirma que, em muitos tipos de textos – científicos, didáticos, expositivos, opinativos, por exemplo – a coesão é altamente desejável, como mecanismo de manifestação superficial da coerência o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual.

Quando um texto é coeso, ele apresenta uma clareza e fluência na comunicação, facilitando a compreensão do leitor e transmitindo a mensagem de forma mais eficaz. Por outro lado, quando há falta de coesão, o texto pode se tornar confuso, difícil de entender e até mesmo incoerente.

Por isso, a coesão é um aspecto fundamental da produção textual, seja em um texto acadêmico, um artigo de opinião, uma carta de apresentação ou qualquer outro gênero textual. Para alcançar a coesão, é importante que o autor utilize os recursos linguísticos de forma adequada e planeje bem a organização e estrutura do texto, a fim de garantir a clareza e compreensão da mensagem.

2.5 GÊNEROS TEXTUAIS ESCRITOS

Em se tratando do ensino de Língua Portuguesa, muito se ouve falar sobre o texto e sua relevância para tais estudos. Com o objetivo de desenvolver as competências comunicativas dos estudantes e desvincular as aulas de língua portuguesa ao tão somente ensino tradicional da gramática prescritiva, o professor enfrenta desafios, pois pretende formar cidadãos reflexivos quanto ao uso da língua.

Antunes (2010) afirma que a prática de uma escrita mecânica de produzir sinais gráficos e, mais adiante, na memorização pura e simples de regras ortográficas: para muita gente, não saber escrever ainda equivale a escrever com erros de ortografia.

O processo de escrita na escola ainda é algo que merece reflexões por parte dos professores. Que a utilização dos textos não seja somente um pretexto para ensinar gramática prescritiva. É conveniente deixar claro aqui que o ensino de gramática se faz necessário, o que tem desafiado o professor é o ensino contextualizado desta gramática. Segundo Antunes (2014, p. 4):

No meio pedagógico, é comum a referência a uma certa “gramática contextualizada”, expressão que se impôs, por outro lado, para designar a tentativa dos professores de centrar o ensino de gramática em textos e, por outro, para caracterizar a fuga ao estudo de uma gramática centrada em análise e prescrições de frases soltas, analisadas sem referência a nenhum contexto particular.

O texto não deve estar presente somente nas aulas de língua portuguesa ou mais especificamente nas aulas de gramática, mas em todas as disciplinas, pois por meio da leitura é que se adquire conhecimento que auxilia no processo de produção de textual.

De acordo com Marcuschi (2003), os gêneros são textos orais ou escritos que são construídos em situações de comunicação recorrentes e os gêneros textuais são textos encontrados no cotidiano, compostos por padrões sociocomunicativos característicos definidos por sua composição, objetivos, enunciados e estilo, que sofrem influência de forças históricas, institucionais, sociais e/ou tecnológicas, sendo considerados como formas textuais escritas ou orais bem estáveis e situadas de formas histórica e social.

Para Marcuschi (2007), gênero se trata de uma categoria distinta de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem alguma aspiração literária deve ser utilizada tanto em etnografia, sociologia, antropologia, folclore, retórica e, evidentemente, na linguística e, que os gêneros são artefatos culturais que são

construídos historicamente pelo ser humano, sendo necessário observar que não deve ser definido apenas por algumas propriedades que se imaginem ser necessárias e suficientes, mesmo que um gênero não possua uma determinada propriedade, continuará sendo o mesmo gênero.

É possível identificar o gênero mesmo sem que seja explicitado, ou seja, uma carta pessoal, apesar de não ter sido devidamente assinada pelo seu autor, continua sendo uma carta e pode-se identificar o seu autor ou autora apenas pelo seu início com a afetuosa saudação inicial “querida mamãe” (Marcuschi, 2007).

As ações sociais são mediadas por meio dos gêneros textuais e eles podem ser caracterizados como objetos históricos, sofrendo transformações com o passar do tempo. A escola é um dos principais ambientes onde reverberam as práticas da sociedade e, por isso, faz-se necessário que os professores busquem capacitação e qualificação para o desenvolvimento de trabalhos direcionados aos gêneros textuais, no intuito de despertar o interesse dos educandos pela língua portuguesa, fazendo com que eles aprendam a utilizá-la em toda a sua grandiosidade.

O debate acerca do ensino da língua portuguesa, no ambiente escolar, ganhou mais espaço e maior repercussão a partir da década de 80 e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Pode-se observar que, na concepção desse documento, a escola tem como função e responsabilidade assegurar que todos os saberes linguísticos necessários sejam ensinados aos seus educandos para que eles sejam capazes de implementar o exercício da cidadania em sua plenitude

Somente com o domínio da língua os educandos poderão exercer plenamente sua participação social, pois a língua permite que o indivíduo se comunique e tenha acesso a informações, tornando-se capaz de expor suas ideias e defender seus pensamentos e interesses, para que possa se tornar protagonista no mundo em que vive, convivendo com os demais e sendo capaz de produzir conhecimento. Tal competência é fundamental, sobretudo, para a ascensão social dos indivíduos.

É imprescindível observar que os PCN tratam a língua como um sistema de signos histórico e social que é capaz de fazer com que o indivíduo seja capaz de significar o mundo em que vive e sua atual realidade, sendo necessário que o aprendizado da língua seja muito mais do que apenas aprender a identificar somente palavras, mas além disso, é tornar-se capaz de compreender os significados culturais, e a partir disto, a maneira pela qual as pessoas do seu próprio meio social entendem e interpretam suas realidades.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o uso dos gêneros textuais são uma parte das condições para a realização dos discursos, pois geram usos sociais determinando os gêneros que darão forma aos textos criados, isto é, os gêneros textuais são um conjunto de várias formas e intenções de comunicação e são determinados historicamente. Por isto, é possível afirmar que todo texto criado pode ser enquadrado em um determinado gênero e existem vários gêneros que constituem formas de enunciados, encontrados na cultura e que são caracterizados por três elementos distintos: conteúdo temático, estilo e construção composicional (Brasil, 1997).

Ainda conforme os PCN, a noção de gêneros está relacionada a um conjunto de textos que compartilham características comuns, mesmo que essas características sejam heterogêneas, como uma visão global da forma como o texto está articulado e compreende a forma do suporte comunicativo, sua extensão, o grau de literalidade e isso possibilita que surja um número quase ilimitado.

Para Dolz e Scheneuwly (2004) os gêneros são utilizados como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, mais particularmente no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos. Os autores ainda afirmam que para se estudar gêneros deve-se levar em consideração as práticas de linguagem, pois são estas práticas que visam às dimensões particulares de como a linguagem funciona em relação às práticas sociais em geral, o que implica em dimensão social, cognitiva e linguística em alguma situação de comunicação particular.

De acordo com esses mesmos teóricos, os gêneros possibilitam que as práticas de linguagem se materializem nas atividades realizadas pelos aprendizes. Os autores também apontam três dimensões que definem um gênero como suporte de uma atividade de linguagem, que são: a) os conteúdos e os conhecimentos que se tornam dizíveis por meio dele; b) os elementos das estruturas comunicativas e semióticas partilhadas pelos textos reconhecidos como pertencentes ao gênero; e, c) pelas configurações específicas de unidades de linguagem, levando em conta a posição enunciativa do enunciador, os conjuntos particulares de sequências textuais e os tipos discursivos que formam a sua estrutura.

O gênero atravessa a heterogeneidade das práticas de linguagem e faz emergir toda uma série de regularidades no uso, o que confere ao texto uma estabilidade, sem excluir suas possíveis evoluções e o gênero pode ser considerado um mega-

instrumento, pois ele fornece ao mesmo tempo um suporte para a atividade, nas situações de comunicação, e uma referência para os aprendizes (Dolz; Schinewly, 2004).

O gênero é um instrumento semiótico composto de vários signos que estão organizados de uma maneira regular, que compreende diferentes níveis, sendo chamado, algumas vezes, pelos autores, de mega-instrumento, pois se trata de um conjunto articulado de instrumentos capaz de realizar uma ação numa determinada situação (Dolz; Schinewly, 1998).

Os gêneros são mediadores semióticos das ações discursivas que acontecem entre os sujeitos, ou seja, são mega-instrumentos que medeiam, dão forma e viabilizam a materialização de uma atividade de linguagem. As sequências didáticas são uma grande ferramenta que tem auxiliado no processo de desconstrução das práticas consideradas como tradicionais no ensino nas escolas brasileiras e o professor precisa utilizar abordagens capazes de privilegiar a diversidade dos textos, capazes de enfatizar todos os aspectos do ensino-aprendizagem, criando correlações com os fatos sociais e históricos (Dolz; Schinewly, 1998)

Diz ainda que os gêneros são mediadores das ações discursivas e é necessário que sejam utilizados na vida dos discentes, nas mais variadas situações, assim, o professor poderá utilizar as sequências didáticas como um veículo da utilização dos gêneros nas atividades produzidas pelos discentes e pelos docentes.

Dolz e Schneuwly (1998) propõem que os gêneros sejam vistos como grandes instrumentos para a aprendizagem do texto escrito, por isso sugerem uma complexificação na seleção dos gêneros capazes de integrar um currículo numa progressão discursiva, no qual todos os tipos de texto (narrativos, expositivos, argumentativos) devem ser construídos das suas formas concretas (gêneros) mais primitivas e simples para as mais complexas e tardias.

Os gêneros textuais escritos são classificações que abrangem diferentes tipos de textos escritos, com características específicas que os diferenciam entre si. Entre os principais gêneros textuais escritos, podemos citar:

Narração: é um tipo textual que tem como objetivo contar uma história ou narrar um fato. Exemplos de textos narrativos são contos, romances, crônicas, biografias, relatos de viagem, entre outros.

Descrição: é um tipo textual que tem como objetivo descrever pessoas, lugares, objetos, sentimentos ou situações. Exemplos de textos descritivos são descrições de paisagens, retratos, catálogos, guias turísticos, entre outros.

Dissertação: é um gênero textual que tem como objetivo argumentar sobre um tema ou problema, apresentando ideias e opiniões de forma clara e objetiva. Exemplos de textos dissertativos são artigos de opinião, ensaios, textos acadêmicos, entre outros.

Injunção: é um gênero textual que tem como objetivo instruir ou orientar o leitor a fazer algo, fornecendo passo a passo as informações necessárias para a execução de uma tarefa. Exemplos de textos injuntivos são manuais, receitas, tutoriais, entre outros.

Exposição: é um gênero textual que tem como objetivo apresentar informações sobre um determinado tema, sem necessariamente fazer juízos de valor ou argumentações. Exemplos de textos expositivos são enciclopédias, dicionários, resumos, entre outros.

Além desses, existem outros gêneros textuais escritos, como o diário, a carta pessoal, o e-mail, o relatório, a ata, entre outros, cada um com suas próprias características e funções comunicativas. O conhecimento e a habilidade em utilizar diferentes gêneros textuais escritos é essencial para uma comunicação eficaz em diversas situações.

2.6 O ARTIGO DE OPINIÃO

Um artigo de opinião é uma espécie de texto que expressa a visão pessoal do autor sobre um assunto específico. Geralmente, o objetivo é persuadir os leitores a compartilhar a mesma opinião ou a refletir sobre o tema proposto. Ou seja, é um gênero textual argumentativo que busca influenciar o interlocutor por meio de argumentos que justificam a posição assumida. A argumentação é o resultado textual de uma combinação entre diferentes componentes, que exige do sujeito que argumenta a construção de uma explicação com finalidade persuasiva (Charaudeau, 2016).

Argumentar é uma habilidade que requer uma determinada prática, pois envolve confrontos de posicionamentos individuais e isto exige reação com as

opiniões que são expostas diante dos demais, assim cada situação de interação faz com que o escritor planeje suas melhores estratégias para obter os efeitos pretendidos.

De acordo com Boff, Köche e Marinello (2009), artigo de opinião é um gênero textual que utiliza argumentação para analisar, avaliar e responder uma questão controversa e ele expõe a opinião do seu autor, abordando algum tema atual de ordem social, econômica social ou política. Segundo Rodrigues (2007), nesse gênero a apresentação dos acontecimentos sociais não exercem grande relevância, no entanto, é levada em consideração a posição e análise do autor.

Para Bräkling (2000), o artigo de opinião é um gênero discursivo em que o autor busca convencer outro sobre determinada ideia, argumentando de forma a influenciar e transformar valores por meio da argumentação favorável a uma determinada posição, bem como ser capaz de refutar alguma possível opinião que divirja com a apresentada, sendo constituído existe uma necessidade constante das afirmações realizada através de apresentação de dados.

Segundo Boff, Köche e Marinello (2009), artigo de opinião é um gênero pertencente à ordem do argumentar, pois o seu autor assume um posicionamento acerca de um assunto e defende-o.

Kaufman e Rodríguez (1995), por sua vez, afirmam que um artigo de opinião possui uma relação direta com as estratégias discursivas adotadas com o intuito de persuadir o leitor não apenas com a pertinência dos argumentos expostos e podem ser utilizadas estratégias capazes de fundamentar os argumentos, como acusações, insinuações, digressões e apelações à sensibilidade, fazendo com que a consistência do artigo esteja diretamente ligada ao posicionamento crítico do autor.

As características do contexto de produção (enunciador, assunto, finalidade comunicativa) determinam a configuração do artigo de opinião. Normalmente, esse gênero situa-se na seção destinada à emissão de opiniões (Boff; Köche; Marinello, 2009).

Um bom artigo de opinião deve ser claro, bem estruturado e apresentar argumentos sólidos e embasados em fatos ou evidências. Além disso, é importante que o autor saiba quem é seu público-alvo e adapte sua linguagem e abordagem de acordo com as características desse grupo e o artigo de opinião pode ser publicado em diversos veículos de comunicação, como jornais, revistas, blogs, entre outros. É

uma forma importante de promover o debate e a troca de ideias sobre temas relevantes da sociedade.

No entanto, é preciso tomar cuidado para não confundir opinião com informação. Embora um artigo de opinião possa conter informações relevantes, ele precisa apresentar uma estrutura que introduza o pensamento, um desenvolvimento, um contraponto e uma conclusão.

2.6.1 Estrutura do Artigo de Opinião

De acordo com Boff, Köche e Marinello (2009) para realizar a produção de um artigo de opinião é necessário que haja um problema a ser discutido e seja proposta uma solução ou avaliação, refletindo a respeito do assunto. Assim, o artigo de opinião pode ser estruturado em três etapas distintas, que são:

a) Situação-problema: apresenta-se a questão que precisará ser desenvolvida no processo de guiar o leitor ao que virá no texto, buscando contextualizar o assunto que será abordado através de afirmações gerais e/ou específicas, buscando-se evidenciar o objetivo da argumentação que será sustentada ao longo do texto, bem como a importância de apresentar o tema e discuti-lo (Boff; Köche; Marinello, 2009).

b) Discussão: esta etapa está voltada à exposição dos argumentos e permite construir a opinião acerca da questão que será abordada e examinada (Boff; Köche; Marinello, 2009). Para Guedes (2002), é necessário que texto dissertativo consiga argumentar e possa, apresentar provas a favor da posição que assumiu e provas para mostrar que a posição contrária está equivocada.

c) Solução-avaliação: Etapa que evidencia a resposta à questão que foi apresentada e caso seja necessário, pode ser feita uma reafirmação da posição assumida ou uma averiguação do assunto abordado, não sendo aconselhado que seja feito apenas um simples resumo ou uma mera paráfrase das afirmações anteriores (Boff; Köche; Marinello, 2009).

Essa estrutura do artigo de opinião não é rígida, mas o caracteriza, diferenciando-o de outros gêneros, a fim de facilitar os encaminhamentos didáticos presentes no seu processo de ensino-aprendizagem examinada. A estrutura de um artigo de opinião pode variar um pouco dependendo do contexto e do estilo do autor, e pode ser encontrada em quatro partes principais:

Introdução: o autor apresenta o tema do artigo e chama a atenção do leitor para a importância e relevância do assunto. É comum também que o autor apresente sua opinião sobre o tema desde o início.

Desenvolvimento: o autor apresenta argumentos, fatos e exemplos que sustentam sua opinião e tenta convencer o leitor a compartilhar de seu ponto de vista. É importante que os argumentos sejam claros, coesos e bem organizados para que o texto tenha coerência e força argumentativa.

Contraponto: o autor antecipa e responde a possíveis objeções ou críticas que seu ponto de vista possa receber. Isso demonstra que o autor está ciente das diferentes perspectivas e nuances do tema em questão e que é capaz de refutar argumentos contrários ao seu ponto de vista.

Conclusão: o autor reforça sua posição e apresenta uma síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto. Também é comum que o autor proponha uma solução para um problema ou faça uma reflexão final sobre o tema em questão.

É importante ressaltar que a estrutura do artigo de opinião não precisa ser rígida ou seguida à risca, mas sim, servir como um guia para o autor organizar suas ideias e argumentos, de forma clara e persuasiva. Além disso, é fundamental que o autor seja ético, respeitoso e objetivo em sua escrita, evitando a utilização de argumentos baseados em preconceitos ou estereótipos.

3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Neste capítulo, elencamos algumas escolhas que impulsionaram a realização da pesquisa-ação com abordagem qualitativa, apresentando o campo da pesquisa e os seus participantes seguidos da apresentação da sequência didática como proposta de intervenção e o texto motivador utilizado.

3.1 METODOLOGIA DA PESQUISA-AÇÃO

É sabido que o curso de Pós-Graduação em Letras - PROFLETRAS tem como pré-requisito a elaboração de um trabalho de conclusão de curso voltado a uma turma do ensino fundamental em que a pesquisadora ou pesquisador seja o professor regente de língua portuguesa e, por isso, este trabalho foi estruturado no moldes da pesquisa-ação, cuja função principal não é tão-somente realizar uma pesquisa bibliográfica e etnográfica, mas, além disto, ser protagonista da realização de uma intervenção didático-pedagógica, na realidade da escola observada. O intuito de tal intervenção é contribuir para uma melhoria no desenvolvimento dos alunos pesquisados e dos demais, após a detecção do problema a ser enfrentado e da aplicação da intervenção pedagógica. Destaca-se que este procedimento é bastante utilizado no campo educacional, pois é a partir da realidade docente vivida no dia a dia que é possível modificar e aperfeiçoar sua prática de sala de aula. O docente assume o papel de investigador participativo na escola e no processo de conscientização dos objetivos da pesquisa em objetivos de ação.

Foi realizado um levantamento histórico-bibliográfico sobre alguns outros estudos que tinham sido feitos sobre o tema em questão, com o intuito de embasar argumentos e procedimentos propostos e, noutro momento, foi executada a pesquisa-ação que foi a intervenção da pesquisadora que propôs e aplicou os procedimentos metodológicos, no intuito de, se não resolver, pelo menos minimizar os problemas detectados no processo de diagnóstico inicial. Após este procedimento, buscou-se observar os resultados obtidos com o processo de produção textual dos alunos e investigar o possível processo evolutivo que aqueles obtiveram na construção do artigo de opinião identificando as transformações ocorridas.

3.2 TIPO PESQUISA

A investigação adotada é do tipo pesquisa-ação, haja vista que decorre da observância de dificuldades de aprendizagem mediante uma avaliação diagnóstica. Foi possível observar algumas características no processo de produção textual dos discentes do 8º ano. Dentre estas características, observou-se que alguns discentes escrevem, literalmente, da mesma maneira como falam algumas palavras. Diante disso, optou-se por planejar e desenvolver uma proposta de intervenção por meio de uma pesquisa-ação. De acordo com Tripp (2005, p. 445), este tipo de pesquisa é:

principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos, mas mesmo no interior da pesquisa-ação educacional surgiram variedades distintas.

Com base no que foi anteriormente abordado, faz-se necessário explicitar os principais aspectos da pesquisa-ação, de caráter social, através da afirmativa de Thiollent (2011):

a) há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada; b) desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob a forma de ação concreta; c) o objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação e pelos problemas de diferentes naturezas encontradas nesta situação; d) o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada; e) há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda atividade intencional dos atores da situação; f) a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o crescimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o "nível de consciência" das pessoas e grupos considerados (Thiollent, 2011, p. 22-23).

Sob essa perspectiva, observa-se que é necessário direcionar a pesquisa-ação para que se alcance objetivos práticos e que tenham retorno imediato sendo capaz de elencar soluções quando for possível e, também, realizar e acompanhar ações correspondentes aos objetivos ou, ainda, promover um avanço na consciência dos envolvidos na pesquisa, sob o que diz respeito a soluções de obstáculos (Thiollent, 2011). Logo, nossa pesquisa-ação focou nas práticas de escrita de discentes do 8º ano do Ensino Fundamental II.

3.1.1 Abordagem de Dados da Pesquisa

Numa pesquisa social, de cunho qualitativo, sabe-se que a Pesquisa-ação tem sua origem pela década de 1940 e vem sendo utilizada até os dias atuais com o intuito de promover uma articulação entre a teoria e a prática, todavia, pode-se afirmar que sempre existiu, pois, as pessoas sempre investigaram suas ações e refletiram sobre elas a fim de aperfeiçoá-las (Tripp, 2005).

De acordo com Miranda e Resende (2006), vários os autores abordam esta temática, dentre eles, Barbier (2007), Thiollent (1986) e Morin (2004).

Os dados coletados foram analisados de forma criteriosa, em que se utilizou, também, o processo de construção de recursos visuais (gráficos), através do Microsoft Excel 365. Os textos produzidos pelos educandos foram transcritos para este trabalho com a finalidade de, não apenas representar as opiniões dos alunos escritores, mas também de apontar um possível processo de evolução em sua escrita, com o emprego adequado de elementos coesivos.

Para a realização da pesquisa foi elaborada uma sequência didática, mediante uma abordagem qualitativa na análise dos dados. Para Minayo (2002, p. 10) uma abordagem qualitativa está voltada para o que não é aparente, “no mundo dos significados das ações e relações humanas”, possibilitando ao observador uma certa compreensão e interpretação da realidade.

3.2 Estado da Arte

Para a construção deste trabalho, foi necessário um processo de bastante reflexão de forma que se chegou à conclusão de que seria necessário elaborar algo que pudesse não, tão-somente, gerar dados superficiais, mas que trouxesse uma contribuição efetiva para toda a vida dos discentes.

O pontapé inicial foi o procedimento de busca e coleta de informações acerca do tema e para isto, optou-se por realizar uma pesquisa através da Plataforma Google Acadêmicos, que disponibiliza artigos científicos confiáveis, disponibilizados na grande rede de computadores, a Internet.

A busca se deu utilizando os termos “coesão textual” e “artigo de opinião” e os resultados foram bastante promissores. Os resultados foram expressivos e mostraram

que a produção textual sobre o tema abordado é bem vasta e permite afirmar sua importância para a formação de jovens escritores, nas escolas do Brasil.

Para coesão e coerência textual foram encontrados aproximadamente 1.610 resultados (0,07 s) e para Artigo de Opinião, aproximadamente 4.250 resultados (0,06 s), utilizando um intervalo dos artigos publicados entre os anos de 2020 a 2023. Ressalta-se que foi necessário colocar as palavras entre aspas para que o pesquisador não traga artigos que constem algumas das palavras, mas que, realmente, não englobem o universo de pesquisa necessário.

Ao nos depararmos com a grande quantidade de publicações existentes, pairou no ar uma breve dúvida: Por que produzir mais algum trabalho se já existem tantos outros realizados acerca do tema? A resposta foi logo obtida e cravada na mente e no coração sobre a necessidade dos alunos do 8º ano da Escola Estadual Santa Terezinha aprenderem a construir textos capazes de expressar suas opiniões acerca dos mais variados assuntos, para que pudessem se tornar participativos e protagonistas em sua cidade.

Apesar destes números altos, a construção do referencial teórico se deu através dos livros que foram amplamente debatidos durante o transcorrer do mestrado profissional do PROFLETRAS, que sempre empolgaram e entusiasmaram a todos os participantes na sala de aula.

Para isto, contou-se com colaboradores como Antunes (2007, 2010, 2014); Bagno (2002); Bortoni-Ricardo (2005); Faraco (2006, 2008); Franchi (1991, 2006); Koch (2010); Marcuschi (2007, 2008, 2010), dentre outros. A escolha por estes colaboradores se deu devido a conversas na orientação e pelo entendimento de que, esses autores já consagrados, contribuiriam para o enriquecimento teórico da compreensão de fenômenos relacionados à Língua Portuguesa e precisavam ser trabalhados, neste processo de construção de saberes, que auxiliariam os alunos do 8º ano da Escola Estadual Santa Terezinha, no município de São João do Sabugi, Estado do Rio Grande do Norte.

3.4 CAMPO DA PESQUISA

Esta pesquisa teve sua ambiência na Escola Estadual Santa Terezinha, localizada na cidade de São João do Sabugi - RN, escola fundada em 1 de junho de

1943 e com sua sede própria inaugurada em 23 de dezembro de 2011. A instituição escolar fica localizada em um bairro periférico da cidade, onde moram muitas famílias carentes. Na referida escola funcionam turmas de níveis de ensino fundamental I e II e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), fundamental atendendo a alunos tanto dos bairros da cidade como da zona rural.

A assistência aos alunos ocorre nos períodos matutino, vespertino e noturno. Sua estrutura física é composta por 10 salas de aula, Laboratório de Informática, almoxarifado, sala de diretoria, biblioteca, sala de leitura, área verde, sala de professores e sala de secretaria. Os espaços referidos encontram-se em bom estado de conservação.

O quadro de professores de Língua Portuguesa é composto por 03 professores(as), 01 graduada, 01 doutoranda e a mestranda/pesquisadora que atua como professora efetiva desde o ano de 2018.

3.5 OS PARTICIPANTES

Participaram desta pesquisa uma turma de alunos e a professora pesquisadora. A professora pesquisadora (autora) iniciou a carreira docente ainda muito jovem, aos 17 anos, na mesma escola onde cursou o ensino fundamental e médio. Foi a realização de um grande sonho. Durante a carreira profissional, já foi possível atuar como coordenadora pedagógica no município de Vista Serrana - PB, cidade de origem, bem como professora de educação infantil e fundamental e na coordenação de programas na rede municipal. Todas as oportunidades conquistadas foram de grande importância para o crescimento profissional, até a conquista da tão sonhada efetivação, que se concretizou na Escola Estadual Santa Terezinha, local da aplicação da pesquisa.

O motivo que estimulou a aplicação de uma intervenção com os alunos, foi a percepção da dificuldade que estes discentes apresentavam com a escrita de textos. O artigo de opinião foi o gênero escolhido porque permite que os alunos exponham a opinião sobre o tema gerador, visto que é algo muito próximo deles, e permite que eles usem argumentos fortes sobre o tema.

Participar também da pesquisa a turma do 8º ano por nela se identificar algumas dificuldades em termos de escrita parte dos alunos. A intenção é que eles

saiam do Ensino Fundamental com as competências linguísticas relacionadas à escrita de textos bem desenvolvidas. A referida turma composta por 14 alunos, que se encontram na faixa etária regular, sem reprovações anteriores, os quais foram incentivados a colaborar, realizando as atividades propostas.

Os discentes moram num bairro periférico e são filhos e filhas de pessoas com baixa renda, conseqüentemente, com maiores dificuldades e pouca disponibilidade de acompanhar os estudos de seus filhos, os quais, na maioria das vezes, dispõem somente do que a escola lhes oferece em termos de conhecimento linguístico e literário.

Nesta pesquisa, os nomes dos discentes foram substituídos por nomes de fenômenos da natureza para manter o sigilo e privacidade exigidos pelo código de ética das pesquisas acadêmicas, o que possibilitou uma maior liberdade para os mesmos escreverem da forma mais adequada que decidissem.

3.6 SEQUÊNCIA DIDÁTICA COMO PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.97), uma Sequência Didática (SD) é “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” e “as sequências devem funcionar como exemplos à disposição dos professores. Elas assumirão seu papel pleno se os conduzirem, através de formação inicial ou contínua, a elaborar, por conta própria, outras sequências.” (p.128).

3.6.1 Sequência Didática - Fase I

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), sugerem um modelo de sequência didática contendo quatro momentos distintos, mas articulados e interdependentes que são:

1. Apresentação da situação: essa etapa é crucial pois é aqui que serão definidos o contexto, a forma e conteúdo do gênero a ser estudado e produzido envolvendo duas ações.

2. Primeira produção: Os alunos farão uma produção oral ou escrita dependendo do gênero apresentado. Este é o momento em que os alunos podem compreender o quanto conhecem sobre o gênero e o assunto que serão estudados.

3. Módulos: A quantidade e conteúdo dos módulos de ensino devem ser definidos de acordo com as informações colhidas pelo professor da primeira produção dos alunos devendo contemplar as necessidades de aprendizagem por eles demonstrada. Cada módulo deve contemplar problemas específicos do gênero em questão a fim de garantir melhora dos alunos na compreensão e uso da expressão oral ou escrita estudada.

4. Produção final: Após o processo os alunos são orientados a realizar uma produção textual que demonstrará o domínio adquirido ao longo da aprendizagem acerca do gênero e do tema propostos e permitirá ao professor avaliar o trabalho desenvolvido.

A intervenção foi realizada em duas etapas, constituídas da apresentação da situação e a produção inicial. A primeira voltada à produção de textos com coesão textual; e a segunda etapa, constituída de duas aulas, voltada à produção de um artigo de opinião, com tema Animais de Rua na cidade de São João do Sabugi - RN.

O primeiro momento teve como objetivo analisar o conhecimento prévio dos educandos quanto à coesão e sua relação para o estabelecimento da coerência ampliar esse conhecimento, fazendo trabalho de leitura e de compreensão sobre o texto proposto. Nesse sentido deu-se início pela discussão oral, fazendo levantamento de hipóteses, provocando um debate em sala.

Posteriormente, foi proposta uma produção para avaliar a escrita dos alunos, durante os módulos, para focar nos pontos que precisam ser melhorados na escrita dos estudantes, para que a produção final seja satisfatória, de acordo com o objetivo do trabalho.

O módulo 1 foi trabalhado com o texto da crônica Circuito Fechado, de Ricardo Ramos, e que, previamente foi lido de forma silenciosa e individual, em seguida, foi realizada a leitura em grupo.

No módulo 2 foram entregues, aos educandos, questões escritas referentes à relação autor/leitor/texto para averiguar a compreensão e interpretação do texto e, também foi entregue um material explicativo sobre coesão e coerência que foi debatido e analisado pelos discentes. Em seguida, voltaram a ler o texto da aula anterior para que pudessem identificar a ausência ou não de coesão e coerência nos textos estudados. O material disponibilizado foi: Coesão e coerência: conceitos, de Gilles Deleuze (2018, p. 18):

Você já deve ter ouvido afirmações como "*O que você está me dizendo não tem coerência*"; "*Suas atitudes são incoerentes*". De maneira geral, usamos frases assim quando queremos sugerir que estamos ouvindo algo sem sentido ou presenciando comportamentos contraditórios.

Quando se trata de leitura e produção de textos, também é comum ouvirmos a afirmação: "Um bom texto deve ter coesão e coerência". O que isso significa? Essa afirmação sugere que um texto deve possuir ligação entre os seus vários segmentos, ou seja, deve haver articulação entre as suas estruturas linguísticas também, entre as ideias nele apresentadas. Portanto, um texto deve apresentar coesão, que garante que as ideias estejam conectadas entre si por meio do uso de recursos linguísticos que promovam essa articulação. Além disso, o texto também deve apresentar coerência, ou seja, é preciso que haja uma unidade de sentido entre as ideias do texto. Não basta que as ideias estejam interligadas gramaticalmente, é preciso que haja conexão de sentido entre elas.

A coesão e a coerência aparecem bastante relacionadas no texto. Geralmente, quanto mais coeso for um texto, mais ele será coerente, porque sua organização gramatical (ligada à coesão) irá influenciar em seu sentido (ligado à coerência). Entretanto, é possível que textos sem elementos de coesão possam ter seu sentido apreendido pela coerência entre as ideias propostas. De outro lado, textos muito coesos podem não apresentar coerência, quando sua estrutura estiver "amarrada", mas as ideias, desconectadas.

Na etapa seguinte os discentes receberam uma cópia do poema "O show", autor desconhecido. Os alunos identificaram a semelhança entre os textos lidos nas aulas e perceberam que a ocorrência de coesão e coerência não depende somente dos elementos coesivos (conectivos), mas também do contexto comunicativo no qual está inserido.

Ainda no módulo 2 foi abordada a estrutura do artigo de opinião e trabalhado com os alunos, textos desse gênero. Os artigos de opinião usados nas aulas tinham como título "Geração do celular" e "Interação Virtual". Trata-se de um tema bastante relevante para ser trabalhado com os adolescentes, porque é atualizado e envolve questões de equipamentos eletrônicos modernos que os discentes utilizam no seu cotidiano.

Ao trabalhar a estrutura do artigo de opinião, e apresentar exemplos desse gênero, os alunos estiveram aptos para a produção de um artigo de opinião, utilizando os recursos coesivos de maneira adequada.

O módulo 3 foi executado da seguinte maneira: em votação entre os alunos, foi proposto que escolhessem um tema que abordasse questões relativas à cidade tais como: a pandemia Covid-19; a Copa do Mundo de 2022; e Animais abandonados. Com 10 votos, o tema escolhido foi Animais abandonados sendo que na fase final seguiu-se o mesmo procedimento e, novamente, os alunos, pelo mesmo placar, preferiram novamente a temática dos Animais abandonados na cidade. Eles precisavam produzir um texto que achassem que considerassem coerente e coeso acerca do tema por eles eleito.

O processo avaliativo da professora/pesquisadora utilizado foi observar o interesse, a participação e principalmente o envolvimento dos alunos durante todo o processo de leitura e produção.

3.6.2 Instrumentos de Gerações de Dados

Para a aplicação da pesquisa, os alunos receberam textos que serviram como instrumentais de geração de dados, o questionário de diagnóstico, e foram orientados a ler e observar atentamente. Cada texto foi lido e relido, bem como foi sugerido que todos os alunos pudessem procurar palavras conhecidas e desconhecidas para que sua interpretação não sofresse nenhum problema.

O primeiro texto escolhido foi a crônica “Circuito Fechado (Anexo 1), de Ricardo Ramos, escritor de nove volumes dedicados à narrativa curta, dos quais três venceram o Prêmio Jabuti na categoria Contos, Crônicas e Novelas, dois romances, três novelas juvenis e dois ensaios. Graciliano: retrato fragmentado, biografia do pai que mostra o homem por trás da figura pública de artista, foi publicada pela Globo Livros em 2011. De sua obra, que já ganhou traduções para o inglês, espanhol, alemão, russo e japonês, serão editados ainda a novela Caminhantes de Santa Luzia e o volume Crônicas selecionadas.

Ricardo Ramos apresenta uma sequência que delinea a rotina de uma pessoa que acorda, vai realizar suas atividades de higiene pessoal, afazeres domésticos, em seguida, delinea a ida para o trabalho e, por fim, o retorno ao lar para o descanso noturno até o deitar, que se encontra representado no Anexo 1.

O questionário apresentado aos alunos continha as seguintes perguntas:

a) Você sabe o que é coesão e sua relação para o estabelecimento da coerência?

b) O que um texto deve ter para ser considerado coeso e coerente?

Para representar esta parte do trabalho, foram escolhidas 7 produções textuais dos discentes de forma aleatória, equivalente a 50% do material produzido pelos alunos, representados, a seguir.

Aluno 3: Texto produzido por aluno de 14 anos, do 8º ano do Ensino Fundamental, de uma escola estadual da cidade de São João do Sabugi - RN, em 2022:

O latido, a fome, a rua, o sol, o caminho, os chutes, a água, a coceira, mais fome, a distância, o medo, as brigas, as mordidas, o barulho, o escuro, muita fome, as doenças, a pracinha, as eleições, a promessa, o abandono, mais fome, as estrelas, a lua, o frio, a dor, a morte.

Aluna 5: Texto produzido por aluna de 13 anos, do 8º ano do Ensino Fundamental, de uma escola municipal da cidade de São João do Sabugi - RN, em 2022:

*“Sem dono,
Sem casa,
Sem comida,
Sem água,
Sem saúde,
Sem nada,
Só rabujo,
Só indiferença,
Só pneus,
As corridas,
As quedas,*

*As mordidas,
O chão frio,
A barriga seca,
A pata ferida,
O prefeito cego,
Os vereadores surdos,
O povo mudo,
A igreja vazia,
O latido presente.”*

Aluna 7: Texto produzido por aluna de 12 anos, do 8º ano do Ensino Fundamental, de uma escola municipal da cidade de São João do Sabugi - RN, em 2022.

“Fofinho, pretinho, branco, fome, sede, doente, maltratado, chutado, escaldado, bichano, Mimi, escondido, pidão, companheiro, abandonado, políticos.”

Aluna 8: Texto produzido por aluna de 14 anos, do 8º ano do Ensino Fundamental, de uma escola municipal da cidade de São João do Sabugi - RN, em 2022

“A cidade, a rua, a estrada, o mercado, a vizinha, Baleia, Totó, Piaba, Rex, magrelos, carrapatos, olhos vermelhos, sarna, fome, ataque, gritaria, sumiço, filhotes, frio, sede, abandono, solidão, atropelado, com medo, sem canil, morto,”

Aluno 10: Texto produzido por aluna de 13 anos, do 8º ano do Ensino Fundamental, de uma escola municipal da cidade de São João do Sabugi - RN, em 2022

O gato, o cachorro, o desprezo, a luta, a fome, a proteção, a comida, a água, o amor, o cuidado, na praça, nas ruas, todo lugar, o pratinho, a vasilha d'água, a ração, a injeção, o cio, o

barulho, a perseguição, água quente, pedra, ferimento, o remédio, a vida, as brincadeiras, o ataque.

Aluna 12: Texto produzido por aluna de 13 anos, do 8º ano do Ensino Fundamental, de uma escola municipal da cidade de São João do Sabugi - RN, em 2022.

*“Cachorrinho
Gatinho
Olho grande
Olho pequeno
Rabo fino
Pelo branco
Magrinho
Gordinho
A rua
A pista
Faminto
Doente
Sozinho
O pastel
A alegria
Rabo feliz
O chute
A dor, o choro
Rabo triste”*

Aluno 14: Texto produzido por aluno de 13 anos, do 8º ano do Ensino Fundamental, de uma escola municipal da cidade de São João do Sabugi - RN, em 2022.

“Chuva, sol, frio, calor, fome, sede, doença, abandono, cão, praça, ninhada, castração, sofrimento, vulnerável, prefeitura, descaso, morte.”

Além da produção dos textos acima mencionados, foram criados artigos de opinião sobre o mesmo tema. Na ocasião, os alunos tiveram a oportunidade de colocar em prática a estrutura do artigo de opinião, bem como, puderam expor os seus pontos de vista diante da problemática abordada na sala de aula.

A riqueza dos textos obtidos como fruto dos trabalhos dos discentes, fez-nos observar o quão pertinente são os estudos realizados por Antunes (2006), Marcuschi (1983, 2007, 2008, 2010); Neves (2006), Franchi (2006), Bortoni-Ricardo (2005), etc., que embasaram o referencial teórico e permitiram uma comprovação de que a língua portuguesa é muito mais ampla, densa e viva do que podemos imaginar. Ela se constrói e reformula tanto com o aprendizado na escola quanto na sociedade em que o aluno se encontra inserido e faz com que a literatura se desfralde e se reconstrua adotando novos termos e formas gramaticais capazes de facilitar a comunicação.

O segundo texto aplicado tem o título O show, de autor desconhecido. Também foi utilizado para aguçar a percepção dos alunos como uma mensagem ou opinião pode ser transmitida mesmo que não se consiga encontrar conectivos nas sequências, todavia, o autor consegue expor todo o processo de encontrar um cartaz, a sensação e o desejo de participar do show, o gasto com a compra do ingresso, etc., como demonstra o Anexo 2.

Nesta fase, os educandos tiveram que trabalhar com as seguintes questões:

- a) Você acha que o texto tem sentido?
- b) O que falta nesse texto?
- c) O que você acrescentaria para que esse texto fique de acordo com o seu gosto?

O terceiro texto escolhido foi Geração do celular, de Inaê Soares da Silva, que já apresenta a estrutura de um artigo de opinião. Este texto foi amplamente discutido com os alunos pois é de um tema bem contemporâneo que desperta a atenção de adolescentes, pois retrata a questão do conflito do uso desmedido dos dispositivos eletrônicos, principalmente, o celular (Anexo 3).

Aqui, os alunos trabalharam com as questões:

- a) Quem é o autor deste texto? Você já ouviu falar sobre ele?
- b) Qual o objetivo deste texto?
- c) Este texto chama a atenção do leitor?
- d) O texto é interessante? Por quê?

Por fim, foi utilizado o quarto texto que se tratava de uma postagem feita em rede social acerca da presença de um veículo de captura de animais, na cidade de São João do Sabugi, no Estado do Rio Grande do Norte (Anexo 4).

Vale destacar que foram utilizadas rodas de conversas para que os discentes pudessem expressar suas dúvidas, opiniões, conhecimentos prévios etc., o que facilitou enormemente o trabalho em sala de aula no processo de produção dos artigos de opinião.

3.6.3 *Corpus* de Análise

A turma do 8º ano é formada por alunos bem entusiasmados e inteligentes, todavia, alguns desses discentes apresentaram, anteriormente, dificuldades na escrita. Por isto, este trabalho buscou aproximar os alunos do processo de produção de artigo de opinião para que eles possam aprender a construir textos coesos capazes de representar suas opiniões acerca dos assuntos importantes da sociedade em que vivem, de forma que possam se tornar protagonistas em sua comunidade.

3.6.4 Fase 1 - Coesão Textual

A sequência didática da Fase I, encontra-se demonstrada no Quadro 1.

Quadro 1. Apresentação do trabalho sobre Coesão Textual. Apresentação da situação.

Apresentação da Situação - Tema escolhido: Animais abandonados nas ruas da cidade de São João do Sabugi - RN

Tempo: 10 minutos

Objetivos: Identificar os conhecimentos prévios dos alunos, através de uma avaliação diagnóstica, acerca do tema escolhido e despertar o interesse dos mesmos pelo objeto de ensino; produzir informações que demonstrem o nível de conhecimento dos alunos sobre o gênero; discutir questões que levem os alunos a

compreenderem o contexto de uso e a identificar os aspectos gerais do gênero objeto de estudo.

Procedimentos: Explicação da proposta de ensino do gênero coesão textual; debate sobre o tema dos textos da produção inicial; aplicação de um questionário sobre os conhecimentos acerca do gênero estudado; apresentação dos textos escolhidos como exemplos; discussão e avaliação coletiva das respostas oferecidas pelos alunos.

Avaliação: A avaliação foi realizada após conversas com os alunos que responderam o questionário e também pelas declarações que eles deram no momento das discussões, onde foram observados seus conhecimentos prévios sobre coesão textual.

Materiais utilizados: Data show,

Local: Sala de aula.

Preparação das produções iniciais – 50min.

Objetivos: Fomentar conhecimentos nos alunos do 8º ano para que eles se tornem capazes de reconhecer e produzir textos sem a presença de conectivos, mas com coerência

Procedimentos: Conversa com os alunos; distribuição dos textos norteadores do trabalho; organização da produção textual.

Materiais utilizados: Cópia dos textos utilizados, papel e caneta.

Local: Sala de aula

Avaliação: A avaliação considerou a capacidade de articulação dos alunos para realizar a tarefa proposta.

Produções iniciais – 50min.

Objetivos: Trabalhar as habilidades e as deficiências dos alunos ao produzirem texto com coesão textual em sala de aula; trabalhar como os discentes os aspectos que serão objetos de ensino e aprendizagem; construir uma representação de coesão textual.

Procedimentos: Realização das apresentações; avaliação individual das apresentações; construção de um quadro onde constem os pontos fortes e os pontos problemáticos ligados à elaboração e apresentação dos textos.

Materiais utilizados: Quadro, Cartazes, fita adesiva.

Local: Sala de aula.

Avaliação: A avaliação levará em conta as habilidades e as deficiências que os alunos demonstraram ao produzirem o gênero objeto de estudo.

Quadro 2. Módulos da SD para a Coesão Textual.

Módulo 1: Escolha do tema, indicação de fontes de pesquisa, seleção e resumo de informações – 1h e 40min.

Objetivos: Desenvolver o tema junto com os alunos para eles organizem a produção; pesquisar e comparar os textos usados como exemplo; selecionar e resumir informações para estruturar as apresentações finais dos textos.

Procedimentos: Debate acerca do tema apresentado na produção final; indicação das fontes de pesquisa; seleção das informações; registro das informações selecionadas; avaliação da atividade desenvolvida.

Avaliação: A avaliação tomou como base a capacidade dos alunos de se mobilizarem para selecionar, resumir e registrar e, em seguida produzir os seus textos.

Módulo 2: Observação individual – Identificação das fases internas de uma exposição oral dos textos produzidos– 50min.

Objetivos: Acompanhar o processo de reconhecimento do texto e compará-lo com o texto utilizado no módulo anterior e identificar as fases da produção textual através da leitura individual de um aluno ou aluna.

Procedimentos: Preparação da sala de aula para a leitura de dois textos; leitura guiada; identificação e anotação das fases da leitura; discussão sobre o resultado da atividade; análise das fases internas de uma leitura.

Avaliação: A avaliação considerou a capacidade dos alunos para identificarem as fases internas de uma produção textual a partir da leitura de textos propostos.

Módulo 3: Identificação dos elementos coesivos utilizados numa produção de um texto – 50min.

Objetivos: Reconhecer a presença ou a ausência de elementos coesivos no processo de construção dos textos.

Procedimentos: Preparação de um texto; identificação dos elementos coesivos, presentes ou ausentes em um texto.

Avaliação: A avaliação considerou a capacidade dos alunos para identificarem os mecanismos linguísticos utilizados pela expositora que realizou a apresentação, bem como a capacidade que eles demonstrarem para utilizar seus próprios mecanismos linguísticos.

Módulo 4: A construção final do texto – 50min.

Objetivos: Parte final da Etapa I, com a entrega dos textos produzidos pelos alunos

Foram apresentados textos aos alunos e, em seguida, foi feita a leitura de alguns gêneros, solicitando-se que analisassem a linguagem utilizada em cada um deles e comentassem de forma descontraída as suas impressões sobre os gêneros apresentados.

A Fase II foi a segunda etapa da pesquisa, onde foram utilizadas 4 aulas. Nas duas primeiras aulas, com um total de 1h e 40 minutos, utilizou-se os 20 primeiros minutos para explicar a nova etapa que seria a construção de um artigo de opinião buscando a utilização de conectivos que possibilitassem uma melhor compreensão dos textos produzidos.

3,7 SEQUÊNCIA DIDÁTICA DA FASE II

A aplicação da sequência didática, ocorreu em 1 turma de 8º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública de São João do Sabugi - RN. A seguir apresentamos a descrição de cada uma das 2 aulas dessa sequência didática nomeada de Animais de Rua. A aula tem duração de 50 minutos que, inicialmente, teve a parte explicativa inicial e uma avaliação diagnóstica prévia de como os alunos se sentiam em relação à problemática dos animais de rua, abandonados na cidade. Foi dado um espaço de 20 minutos para que eles pudessem apresentar seus conhecimentos e que poderiam fazer a respeito desse fato

Todo o percurso utilizado para a análise dos textos produzidos pelos discentes seguiu a sequência didática adotada para o melhor êxito nos resultados e, para Dolz e Schneuwly (2004, p. 114) "... o que se pode dizer é que as sequências didáticas

‘visam ao aperfeiçoamento das práticas de escrita e de produção oral e estão principalmente centradas na aquisição de procedimentos e de práticas’”.

Assim sendo, a intervenção por meio de sequência didática é um mecanismo importante para a prática de sala de aula.

3.7.1 Artigo de Opinião

Módulos 1 e 2 (1h e 40 minutos)

Os alunos anotaram, de acordo com os conhecimentos que já possuíam, as palavras abandono, animais de rua, maus tratos, doenças, políticas públicas, saúde, promessas eleitorais etc., e em seguida, usaram dicionário para procurar os significados das palavras e anotaram o que mais gostaram. Em seguida, os alunos foram estimulados a apresentar seus conhecimentos prévios sobre o abandono dos animais e a vida deles perambulando pelas ruas passando fome, sede e sofrendo agressões constantes nas ruas. Por fim, apresentou-se o texto.

Após apresentar o título da notícia à turma, foi proposto que fosse realizada uma leitura compartilhada e os alunos anotaram as principais informações apresentadas no texto.

Módulo 3 (50 minutos)

A segunda aula seguiu a SD e foi destinada à produção do artigo de opinião. Foi feita uma revisão de conteúdo sobre Artigo de Opinião e falado, uma vez mais sobre a nota de utilidade pública intitulada: Polêmica sobre a carrocinha na cidade de São João do Sabugi - RN, para estimular o processo criativo. Em todo os momentos, foi explicado para os alunos que, mesmo que eles produzissem os artigos ou não, eles estariam liberados para desistir a qualquer momento ou mesmo não entregar o conteúdo, de acordo com a vontade deles.

Foi solicitado que, ao término da produção, cada aluno ou aluna, colocasse uma folha no birô, que poderia conter o artigo ou apenas uma folha em branco, caso não quisesse entregar o conteúdo.

Módulo 4. Produção textual do Artigo de Opinião.

Neste módulo, os alunos realizaram a produção textual dos artigos de opinião. Eles se mostraram interessados e comprometidos na realização da tarefa e ao término, expressaram satisfação no produto obtido, o qual expressava suas opiniões acerca da problemática dos animais abandonados nas ruas da cidade de São João do Sabugi, no Estado do Rio Grande do Norte. A SD encontra-se representada no Quadros 3 e 4.

Quadro 3. Módulos da SD - Coesão Textual. Apresentação da situação – 03:00h.

Apresentação da Situação – Tema escolhido: Animais abandonados nas ruas da cidade de São João do Sabugi

Objetivos: Identificar os conhecimentos prévios dos alunos, através de uma avaliação diagnóstica, acerca do tema escolhido e despertar o interesse dos mesmos pelo objeto de ensino; produzir informações que demonstrem o nível de conhecimento dos alunos sobre o gênero Artigo de Opinião; discutir questões que levem os alunos a compreender o contexto de uso e a identificar os aspectos gerais do gênero objeto de estudo.

Procedimentos: Explicação da proposta de ensino do gênero Artigo de Opinião; debate sobre o tema dos textos da produção inicial; aplicação de um questionário sobre os conhecimentos acerca do gênero estudado; apresentação dos textos escolhidos como exemplos; discussão e avaliação coletiva das respostas oferecidas pelos alunos.

Avaliação: A avaliação será realizada com base nas respostas oferecidas pelos alunos ao responderem o questionário e também pelas declarações que eles deram no momento das discussões, onde serão observados seus conhecimentos prévios sobre o gênero seminário.

Preparação das produções iniciais – 50min.

Objetivos: Estimular os alunos do 8º ano para que eles se tornem capazes de reconhecer e produzir textos sem a presença de conectivos, mas com coerência

Procedimentos: Divisão dos grupos; distribuição da documentação sobre os temas dos seminários; organização do seminário.

Avaliação: A avaliação considerou a capacidade de articulação dos alunos para realizar a tarefa proposta.

Produções iniciais – 50min.

Objetivos: Conhecer as habilidades e as deficiências dos alunos ao produzirem o gênero coesão textual em sala de aula; definir os aspectos que serão objetos de ensino e aprendizagem; construir uma representação do gênero coesão textual.

Procedimentos: Realização das apresentações; avaliação individual das apresentações; construção de um quadro onde constem os pontos fortes e os pontos problemáticos ligados à elaboração e apresentação dos textos.

Avaliação: A avaliação levará em conta as habilidades e as deficiências que os alunos demonstraram ao produzirem o gênero objeto de estudo.

Quadro 4. Módulos da SD

Módulo 1: Escolha do tema, indicação de fontes de pesquisa, seleção e resumo de informações – 01h e 40 min.

Objetivos: Apresentar o tema para os alunos organizarem a produção; pesquisar e comparar os textos usados como exemplo; selecionar e resumir informações para estruturar as apresentações finais dos textos.

Procedimentos: Debate acerca do tema apresentado na produção final; indicação das fontes de pesquisa; seleção das informações; registro das informações selecionadas; avaliação da atividade desenvolvida.

Avaliação: A avaliação tomou como base a capacidade dos alunos de se mobilizarem para selecionar, resumir e registrar e, em seguida produzir os seus textos.

Módulo 2: Observação individual – Identificação das fases internas de uma exposição oral dos textos produzidos– 50min.

Objetivos: Acompanhar o processo de reconhecimento do texto e compará-lo com o texto utilizado no módulo anterior e identificar as fases da produção textual através da leitura individual de um aluno ou aluna.

Procedimentos: Preparação da sala de aula para a leitura de dois textos; leitura guiada; identificação e anotação das fases da leitura; discussão sobre o resultado da atividade; análise das fases internas de uma leitura.

Avaliação: A avaliação considerou a capacidade dos alunos para identificarem as fases internas de uma produção textual a partir da leitura de textos propostos.

Módulo 3: Identificação dos elementos coesivos utilizados numa produção de um texto – 50min.

Objetivos: Reconhecer a presença ou a ausência de elementos coesivos no processo de construção dos textos.

Procedimentos: Preparação de um texto; identificação dos elementos coesivos, presentes ou ausentes em um texto.

Avaliação: A avaliação considerou a capacidade dos alunos para identificarem os mecanismos linguísticos utilizados pela expositora que realizou a apresentação, bem como a capacidade que eles demonstrarem para utilizar seus próprios mecanismos linguísticos.

Módulo 4: A construção final do texto – 50min.

Parte final da Etapa I, com a entrega dos textos produzidos pelos alunos.

Após as explicações e debates, os alunos deram início às produções textuais, os seus nomes foram identificados como elementos da natureza e os resultados obtidos encontram-se transcritos do papel original para os textos digitados neste trabalho, que se encontram representados no Anexo 5, onde os nomes dos alunos foram representados por elementos da natureza, para que pudessem ter suas identidades preservadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a coleta dos trabalhos produzidos, deu-se a etapa de tratamento e avaliação dos dados. Esta etapa foi extremamente prazerosa por permitir a constatação do produto obtido com os alunos desde a aplicação da proposta de intervenção até o passo final que foi a produção dos artigos de opinião, aqui apresentadas e representadas através de figuras que permitem facilitar a compreensão dos resultados conquistados.

4.1 FASE I - COESÃO TEXTUAL

A aplicação da Proposta de Intervenção foi constituída por movimentos singulares por parte dos alunos. No primeiro módulo, a sala teve sua organização modificada. Assim sendo, as cadeiras foram colocadas em círculo e, em seguida, foi explicada a dinâmica utilizada, fazendo uma breve explicação acerca da importância da criatividade de pensamentos para que se pudesse compreender as mensagens que os autores tentam transmitir por meio de seus textos e o efeito que as mensagens exercem no leitor.

Ao serem apresentados ao texto Circuito Fechado, de Ricardo Ramos, solicitou-se que cada aluno fizesse uma leitura silenciosa e após um período de 5 minutos, as expressões faciais observadas apenas com leitura silenciosa demonstraram incompreensão e uma certa confusão. O primeiro questionamento foi se eles haviam entendido o texto. Somente três alunas responderam de forma afirmativa, enquanto 11 alunos responderam que não haviam entendido o texto. As respostas foram anotadas pela pesquisadora, de forma atenta. A representação gráfica obtida com as respostas dos alunos, encontra-se na Figura 1.

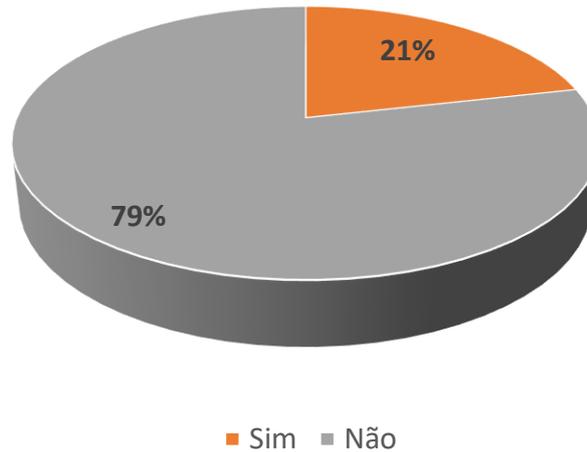


Figura 1. Você acha que o texto faz sentido?
 Fonte: Pesquisa realizada pela autora (2022).

De acordo com a Figura 1, foi possível observar que 79% dos alunos não conseguiram achar que o texto fazia sentido, enquanto 21% responderam que achavam que fazia sentido.

O passo seguinte foi verificar se os alunos podiam explicar o que eles achavam que faltava no texto. Suas respostas encontram-se representadas na Figura 2.

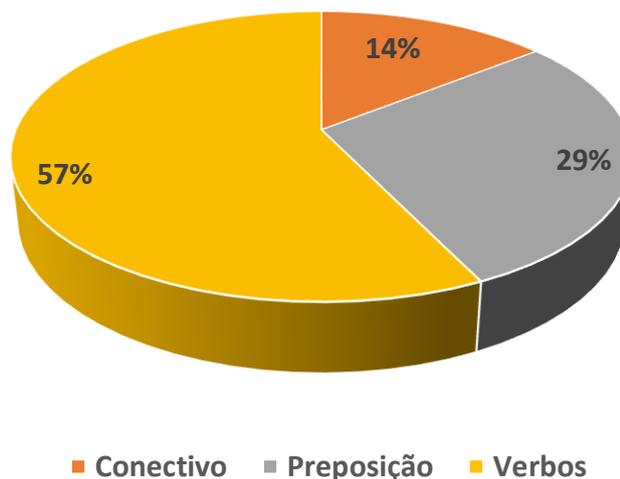


Figura 2. O que você acha que falta nesse texto?
 Fonte: Pesquisa realizada pela autora (2022).

A Figura 2 demonstra que 8 alunos (57%) responderam que faltavam verbos; 4 alunos (29%) responderam que faltavam preposições; e 2 alunas (14%) responderam que faltavam palavras que conectassem as frases.

Sobre a questão alusiva ao que os educandos acrescentariam para que o texto ficasse de acordo com entendimento deles, as respostas foram se encontram representadas na Figura 3.

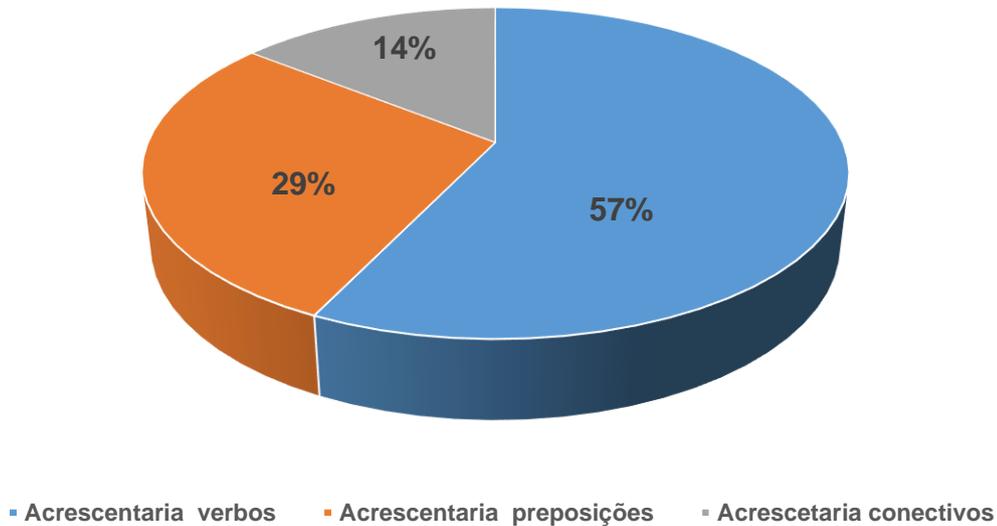


Figura 3. O que você acrescentaria para que este texto ficasse de acordo com o seu entendimento.

Fonte: Pesquisa realizada pela autora (2022).

De acordo com as respostas obtidas foi possível observar que 8 alunos responderam que acrescentariam verbos; 4 alunos responderam que acrescentariam preposição; 2 alunos afirmaram que acrescentariam conectivos, respectivamente 57%, 29% e 14%.

A sequência didática adotada na pesquisa é constituída de quatro partes, como indicado por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004): a apresentação da situação, a produção inicial, módulos (1, 2, e 3) e produção final. A sequência didática utilizada tem como objetivo fomentar conhecimentos nos alunos do 8º ano para que eles se tornem capazes de reconhecer e produzir textos sem a presença de conectivos, mas com coerência, tarefa proposta pela pesquisadora e aceita pelos alunos.

No primeiro módulo, o objetivo foi realizar avaliação diagnóstica dos conhecimentos dos alunos sobre coesão e coerência, e apresentar o primeiro texto a ser estudado, Circuito Fechado (10 minutos de leitura individual, em seguida, 10 minutos de leitura em voz alta, pela professora, com utilização de gestos que identificam a rotina diária; e 25 minutos para o debate.

No segundo módulo, utilizou-se o texto sobre coesão e coerência, deixando os alunos fazerem uma leitura prévia de 10 minutos, posteriormente, o texto “O show” (autor desconhecido), foi entregue. Neste módulo, o objetivo constituiu em acompanhar o processo de reconhecimento do texto e compará-lo com o texto utilizado no módulo anterior.

O terceiro módulo foi realizado com o processo de criação do texto dos alunos. Foram destinados 25 minutos para que eles produzissem os textos. E 20 minutos para que eles fizessem a exposição de seus textos e debatessem acerca do tema utilizado e como eles planejaram elaborar cada texto.

O módulo 1 foi realizado na primeira aula destinada à pesquisa com o uso do texto “Circuito Fechado” e os alunos responderam que não conheciam o autor do texto apresentado e que não entendiam o objetivo do texto. No entanto, todos reconheceram que o seu interesse foi despertado com vistas a descobrir o que significavam todas aquelas palavras e perguntaram o que elas queriam dizer.

Estimulou-se a curiosidade dos alunos e após 10 minutos de conversas e questionamentos, foi iniciado o processo de explicação do conteúdo. O tempo utilizado foram os 10 minutos iniciais mais 10 minutos seguintes, sendo necessários mais 15 minutos para o debate em sala de aula.

Antes de apresentar alguma resposta, a pesquisadora realizou uma leitura em voz alta, gesticulando alguns movimentos como o despertar, o levantar da cama, executar as tarefas cotidianas, o retorno ao berço e um bocejo indicando cansaço e que já era momento de dormir. A reação dos alunos foi algo animador. Eles conseguiram compreender do que se tratava o texto sem que fosse necessária nenhuma outra explicação.

No módulo 2, foram utilizados os textos: Coesão e coerência: conceitos, de Gilles Deleuze (2018); e “O show” (autor desconhecido). O processo de leitura e aquisição do conhecimento logo foi observado. Todos os alunos (100%) reconheceram as semelhanças existentes com o primeiro texto. Após isto foi entregue o material explicativo sobre coesão e coerência, que foi debatido e analisado pelos discentes. Concluída esta parte voltaram a ler o texto da aula anterior para que pudessem identificar a ausência ou não de coesão e coerência nos textos estudados. O material disponibilizado foi o primeiro texto acima referenciado.

No módulo 3, houve uma conversa com os alunos a fim de que eles expusessem suas opiniões, anotassem informações necessárias, pesquisassem palavras nos dicionários e dessem início ao processo de escrita dos seus textos.

Os textos, apresentados a seguir, se encontram sequenciados, identificados com nomes de fenômeno da natureza, para preservação da identidade como requer o código de ética.

CACHORROS DE LUA

ALUNA LUA

Cabe-se dizer que sobre o assunto animais abandonados, muitas pessoas fazem descaso, mas é um assunto bem sério.

Moro numa cidade de interior, com um pequeno porte, apesar disso, já ocorreram vários casos de cachorros de rua atacarem pessoas, sendo eles adultos e crianças.

Situações como essa, de ataque a pessoas, podem acarretar sérios problemas, pois, na sua maioria oferecem riscos à saúde dos humanos, uma vez que esses animais podem transmitir doenças como: raiva, micose, a doença do carrapato, entre outras.

A população cobra das autoridades uma providência para esse problema, porém, até o momento nada tinha sido feito para resolver ou amenizar a situação. É importante salientar que a população não deve maltratar esses animais, já que eles não têm culpa de estarem nessa situação.

Recentemente teve um caso em que uma criança de apenas três anos de idade foi atacada por um cachorro de rua, na calçada da sua própria casa. Percebe-se que o problema vai além de um caso isolado.

Acredito que uma solução para todos esses casos seria criar uma espécie de “orfanato de cães”, onde esses animais pudessem ser tratados de modo adequado, com alimentação, cuidados com a saúde dos animais, por meio da vacinação, e o mais importante, a castração desses animais, para evitar a reprodução desenfreada.

RISCOS DE ANIMAIS

ALUNO SOL

Na cidade de São João do Sabugi tem vários animais pelas ruas abandonados. Tem os cachorros que atacam crianças, idosos, pessoas pelas ruas. Esses cachorros têm várias doenças como feridas e infecção.

Esses animais devem ter ajuda veterinárias para que não aja esse tipo de ocorrência.

Tem pessoas que abandonam esses animais na rua que causam rios a população brasileira e os políticos não fazem nada, porque só sabem prometer nas campanhas antes das eleições e quando ganham se esquecem das promessas de cuidar dos animais para que a cidade fique mais segura.

Por isso que a gente não pode mais acreditar apenas nessas promessas e tem que cobrar o que foi dito para se eleger. Se cada um fizer sua parte em cuidar, dar água e comida aos animais, muita coisa pode melhorar e vai diminuir as doenças e os ataques na cidade.

OS CACHORROS DA RUA SÃO MUITO PERIGOSOS!!

ALUNA TERRA

Eu acho que a prefeitura devia tomar providência com esses animais das ruas. Tão ferindo muitas crianças, correndo atrás das motos, cachorros estão doentes, com fome, cheio de carrapato devido viver nas ruas, calçadas das casas onde crianças ou adultos fica cachorros cheio de carrapato vivem deitado. Bom devido esses problemas e muito mais a prefeitura devia tomar uma providência logo pois pode acontecer mais coisas. As ruas estão se enchendo de cachorros, animais derrubando idosos, já foram até para o posto de saúde por esses motivos, tomaram injeções e medicamentos. Na minha opinião, eles só vão resolver isso quando denunciarem? Acho que sim né.

Na minha rua tem muito cachorro correndo atrás das motos ficam latindo quando passa carro ou moto eles se alimentam pois tem um homem que todos os dias dão ração para eles, se não fosse esse homem os cachorros viviam morrendo de fome no meio da rua.

CACHORROS ABANDONADOS

ALUNA ÁGUA

Esses casos de cachorros abandonados pelas ruas da cidade são preocupantes. Quantas doenças podem causar esses animais. Quantos ataques podem acontecer? Enfim, essas são algumas das perguntas que fazemos sobre o assunto abordado.

O caso mais recente de ataque desses cães ocorreu com uma criança de apenas 3 anos de idade. Esse ocorrido foi levado para a prefeitura, que prometeu tomar as devidas providências, mas nada fez a respeito.

Esses animais são contaminados com muita facilidade, já que muitas vezes mantêm contato com sacos de lixo contaminados que as pessoas deixam largados pelas calçadas do município. As pessoas podem ser infectadas com algum tipo de vírus ou doença gerada pela contaminação desses animais.

Esses são alguns dos diversos motivos pelo qual as autoridades locais deveriam tomar providências o mais rápido possível, para evitar problemas.

ANIMAIS ABANDONADOS NA CIDADE DE SÃO JOÃO DO SABUGI: O DESCASO DAS AUTORIDADES

ALUNO TERREMOTO

O grande número de animais soltos nas ruas da cidade de São João do Sabugi, localizada no interior do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil e ausência de campanhas e políticas públicas para resolução da ameaça à população está em situação de alerta constante na atualidade, encontra-se com frequência animais soltos pelas ruas e avenidas do município podendo ocasionar acidentes de trânsito, transmissão de doenças, riscos físicos para adultos, crianças e idosos, além de maus tratos para os animais.

Mesmo que as pessoas que não conhecem o problema da cidade venham e vejam a quantidade de cachorro que tem nas ruas, ainda assim, as autoridades ainda não tomariam uma atitude para ajudar os animais e a gente não sabe mais o que fazer e a quem pedir ajuda.

Ato irresponsável e considerado covarde por parte dos proprietários que soltam os animais contribuindo para a presente situação. Sabe-se que é dever do proprietário

se responsabilizar por danos causados por seus animais a terceiros, porém, na cidade citada esse evento não acontece já que os animais não são registrados e são soltos clandestinamente nas ruas os redores da cidade o que se torna um ato de irresponsabilidade do dono gerando problemas a saúde pública.

OS ANIMAIS DE RUA

ALUNO FOGO

Os animais que vivem nas ruas sofrem grandes perigos pois além das pessoas que espancam ainda tem as que não tem cuidado quando dirigem tem as pessoas que também maltratam espancando e até a saúde pública não toma conta desses casos e muitas doenças acabam sendo espalhadas por estes animais, deixando muitas crianças doentes fazendo com que a saúde humana venha a ficar em risco.

As autoridades locais deveriam se responsabilizar e acionar a saúde pública para verificar e tomar conta desses animais doentes porque alguns deles já estão com algumas doenças desconhecidas e não sabemos se essas doenças podem ser transmitidas de um para o outro ou até mesmo para nós seres humanos.

De acordo com o que foi citado a saúde pública junto com a prefeitura municipal devem tomar medidas rápidas para amenizar esses problemas. Porém a população deve ser responsável com seus animais e não deve abandoná-los nas ruas, se nossa cidade tivesse uma ONG para esses animais abandonados ajudaria muito.

OS ANIMAIS DE RUA

ALUNA PRAIA

Na cidade de São João do Sabugi o número de cachorros e gatos abandonados é muito grande. Os animais vivem andando para todos os cantos e provocando acidentes com crianças, idosos, ciclistas e motociclistas.

Nos últimos dias aconteceu um ataque dos animais a uma criança e o problema foi levado para ver o que a prefeitura poderia ajudar e até agora não se viu nenhuma providência tomada.

Toda campanha eleitoral os políticos fazem as promessas de cuidar desse problema e a gente vê que o número dos cachorros de rua só vem aumentando. Todo mundo reclama que os animais fazem xixi nas portas, muita gente tem colocado

garrafas pet com água acreditando que impede que os animais façam xixi nas suas portas, mas eles sempre estão fazendo xixi e cocô nos locais públicos onde as pessoas andam, sentam e se alimentam na cidade.

Não existe nenhum controle de doenças dos animais e nem tem campanhas de castração. A gente vê os cachorrinhos correndo de um lado para o outro atrás das mães e muitos são atropelados pelos carros. Algumas pessoas dão comida para os cachorros e gatos não morrerem de fome mas não tem como elas darem remédios ou outros tipos de cuidados quando adoecem.

Algumas pessoas maltratam os animais, dando chutes, jogando pedras, água quente, ferindo com facas ou dando pauladas. Os animais sofrem muito além da fome, do frio e da falta de abrigo.

A falta de políticas que ajudem a resolver o problema pode ser encarado por todos como descaso e é necessário que cada um possa ajudar mesmo que não goste de animais, mas tem que pensar neles e na população.

Eu acho que a prefeitura deveria criar um abrigo ou um canil onde os animais da rua possam ter comida e água e ter pessoas para cuidar deles para tirá-los das ruas e fazer com que parem os problemas que estão acontecendo na cidade.

OS ANIMAIS QUE MORAM NA RUA

ALUNO MAR

Na minha cidade tem muitos cachorros e gatos abandonados nas ruas. Eu moro em São João do Sabugi, na região do Seridó, no estado do Rio Grande do Norte.

Há muito tempo a gente vem sofrendo com a questão dos animais de rua e até hoje, toda eleição são sempre as mesmas conversas e promessas dos políticos dizendo que vão resolver a situação e a cada dia a gente vê que está cada vez pior.

Aumentou o número de cães e gatos nos bairros e nos centros da cidade e todo dia a gente sabe de algum problema que ocorreu, como ataque de cachorro a criança ou animal que foi atropelado e morto.

Na cidade a gente não tem políticas públicas eficientes que sejam voltadas para esse problema. Talvez a nossa escola pudesse fazer uma campanha de conscientização para diminuir o número dos animais de rua. A prefeitura também pode providenciar veterinários e um abrigo para os animais, principalmente os animais mais

doentes que a gente tem medo de estar com sarna ou calazar. Tem uns com feridas expostas e muitos carrapatos.

Já que os políticos não se preocupam com a saúde da população e o bem-estar de todos é necessário que os alunos da escola mostrem como pode ser feito para que esse problema seja enfrentado.

É importante que cada um possa falar sua opinião para poder solucionar a questão do abandono desses animais na cidade de São João do Sabugi.

Eu acredito que se todos se juntarem para arrecadar ração e remédios para os animais e a prefeitura providenciar um lugar onde os animais possam ser colocados, a cidade de São João do Sabugi vai se livrar desse problema o mais rápido possível, se não o problema só vai aumentar a cada dia.

OS CACHORROS DE RUA ATACAM OS MORADORES DE SÃO JOÃO DO SABUGI

ALUNA BRISA

Na minha cidade a gente vem enfrentando o problema dos cachorros de rua que vem aumentando o número a cada ano.

São sempre as mesmas reclamações e a cidade vem crescendo e a gente não vê a prefeitura fazendo muita coisa para melhorar a situação de todos.

A gente não sabe o que realmente pode ser feito. Mas desde as eleições antigas, todos os políticos sempre falam que vão fazer alguma coisa e até hoje não foi feito nada. Todo dia a gente escuta falar que alguém sofreu uma carreira de um cachorro ou foi mordido, principalmente, crianças e idosos e também acontecem os casos de quedas de moto ou bicicleta quando os cachorros estão correndo atrás.

Outra questão é a quantidade de gatos que também tem abandonados. São muitos animais na rua e ninguém está fazendo nada para ajudar, além do povo que dá comida a eles.

Será que a prefeitura não vai fazer nada para resolver este problema?

Esta é uma pergunta que a gente faz sempre e não tem a resposta. Fica só na promessa.

Mesmo que as pessoas possam imaginar que é fácil resolver o problema, a nossa cidade vive em constante dificuldade quando se trata de como cuidar dos animais abandonados e o que pode ser feito de uma forma eficaz.

Eu ainda espero que isso seja resolvido para a gente parar de ver os cachorros doentes nas ruas e passando fome porque ninguém se preocupa com os animais. Só se preocupa em ganhar o dinheiro no final do mês sem fazer nada.

OS ANIMAIS DA RUA NA MINHA CIDADE

ALUNA TEMPESTADE

Aqui em São João do Sabugi tem muitos cachorros abandonados nas ruas. Todo dia a gente fica sabendo dos problemas que acontecem por causa do abandono dos animais que vivem com fome e doentes.

Nenhuma autoridade se responsabiliza pela situação e cada vez mais aumenta o número dos cachorros e dos gatos nas ruas, sofrendo atropelamentos e morrendo nas ruas. Assim, a gente não sabe o que fazer pra ajudar os animais que só comem os restos de comida achada nos lixos ou quando alguém leva para eles.

A prefeitura não toma providências e nem cria projeto pra castrar os animais ou um abrigo para juntar os animais num lugar seguro. Seria muito bom que tivesse um projeto de construção de um abrigo e a adoção de uma medida para alimentar esses pobres animais.

Talvez o gasto com esses projetos seja muito alto mais a gente sabe que isso pode ser visto como um investimento para evitar doenças transmitidas por esses animais que estão sofrendo todo dia. A prefeitura poderia contratar veterinários e cuidadores para agilizar os cuidados necessários.

Concluindo o meu pensamento, eu acredito que só depende dos políticos para que seja iniciado um trabalho para ajudar os animais.

O módulo 4 possibilitou que os alunos produzissem os textos de acordo com o que havia sido explicado. A produção textual foi bastante produtiva, pois possibilitou que a pesquisadora observasse no seu dia a dia, o processo evolutivo dos alunos, que votaram para escolher um tema recorrente, que é o grande número de animais de rua, que se espalham pela cidade, causando incidentes como ataques aos moradores, transmissão de doenças etc. O problema toma grande repercussão pois

foi pauta de promessa eleitoral, através da qual a atual administração se comprometeu em resolver a questão desses animais e efetivamente não promoveu nenhuma política para a sua erradicação.

Cada trabalho foi recebido e, posteriormente debatido em sala de aula com os produtores dos artigos de opinião. Eles tiveram a possibilidade de defenderem seus pensamentos, embora suas identidades tenham sido preservadas, mas cada discente expressou a importância de ser capaz de produzir seu próprio texto de forma coerente e coesa, apresentando suas principais opiniões e denunciando o que considerava como um fato de relevância na sua comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oferecer uma educação de qualidade para os alunos é o desejo que mais me impulsiona como professora. São inúmeros obstáculos enfrentados no cotidiano, mas a consciência de que o ensino público necessita de uma dedicação maior e mais qualificada, motivou o meu ingresso no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), que possibilitará a aquisição de uma qualificação profissional melhor, bem como o convívio com mestres que disponibilizam acesso a informações que abrem horizontes quando se trata de conhecimentos científicos que serão levados para as escolas onde o professor atua.

O programa de formação profissional do Mestrado em Letras (PROFLETRAS) é um porto seguro na luta por uma educação de qualidade e a forma como possibilita que professores possam dar andamento ao processo de aquisição de mestrado é uma prova cabal de que a qualificação pode ser alcançada por professores que têm o desejo de ingressar em mestrado superem obstáculos econômicos, sociais ou culturais, e faz com que os professores se tornem vitoriosos nesta conquista.

A presente pesquisa possibilitou a execução de um processo de intervenção utilizando uma sequência didática com 14 alunos do 8º do Ensino Fundamental, de uma escola estadual da cidade de São João do Sabugi, Estado do Rio Grande do Norte.

A intervenção realizada promoveu a oportunidade de alunos do 8º ano experimentar e experienciar o processo de produção textual, apresentando-lhes oportunidades de escolha, ou seja, mediando conhecimentos, foi possível explicar-lhes que existe mais de uma forma de construir um texto, principalmente, quando se trata de algo que eles desejam se expressar de forma tão efetiva.

A cidade onde está situada a escola é de pequeno porte e tem uma população pequena. No entanto, nos últimos tempos, esta população passou a conviver com um problema notório – a população de animais (cães e gatos) abandonados nas ruas. Os alunos se entusiasmaram com o tema e foi proposto que pudessem elaborar textos para que expressassem este sentimento de indignação dos alunos tanto no processo de construção de textos de coesão textual, bem como a construção dos artigos de opinião.

Estes alunos passaram por um processo ímpar, em toda a história das sociedades. Eles enfrentaram uma pandemia que vitimou milhões de habitantes

mundiais. Precisaram se adaptar a um novo estilo de ensino. Muitos sobrepujaram a falta de Internet e celulares e conseguiram se manter firmes nos estudos, fazendo com que se crescesse a admiração e o desejo de ajudá-los cada vez mais.

Para a realização do processo de intervenção foi elaborada uma sequência didática constituída de 3 módulos, que possibilitaram dividir as tarefas de forma coordenada e participativa dos alunos. As atividades foram elaboradas de forma que pudessem responder às dúvidas e questionamentos formulados na problemática de pesquisa.

O aporte teórico possibilitou ampliar conhecimentos acerca do conteúdo necessário que seria trabalhado com os alunos, fazendo com que eles fossem estimulados e que se tornassem participativos e o tempo utilizado nas aulas permitiu que os alunos pudessem aprender, questionar, tirar dúvidas e produzir seus textos. O processo de implementação de uma proposta de intervenção precisa ter objetivos simples e práticos, com perspectiva de realização, fazendo com que a escola se torne um lugar onde os alunos consigam conviver de forma atuante, tornando-se um protagonista do ambiente escolar

É possível perceber que uma significativa parte dos alunos não tinha conhecimentos que lhes permitissem produzir textos sem o medo do terrível pensamento de que estariam escrevendo de forma errada ou mesmo que nem deveriam escrever. Todavia, a turma em evidência é constituída de alunos que demonstram muito interesse no aprendizado assim, foi notório o comprometimento e participação de todos eles.

O processo de intervenção é uma abordagem sistemática e planejada para ajudar uma pessoa ou grupo a lidar com um problema ou desafio específico. Geralmente se inicia com uma avaliação cuidadosa da situação, identificando os problemas ou desafios a serem abordados. Com base nessa avaliação, um plano de intervenção é desenvolvido, incluindo metas e objetivos específicos para ajudar a pessoa ou grupo a superar as dificuldades identificadas.

A intervenção em si pode incluir aconselhamento individual ou em grupo, terapia, educação, treinamento de habilidades, encaminhamento para outros serviços ou recursos, entre outras abordagens, além disso, ainda uma estreita colaboração entre a pessoa ou grupo e os profissionais envolvidos, como psicólogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, educadores ou médicos. É importante que o

processo de intervenção seja sensível às necessidades e valores da pessoa ou grupo, e que seja adaptado para atender às suas necessidades específicas.

A Sequência didática é um conjunto planejado e organizado de atividades de ensino, que têm como objetivo desenvolver uma determinada habilidade ou competência em um grupo de alunos. Ela é composta por várias etapas, que podem incluir atividades de leitura, discussão, escrita, análise de textos, apresentações orais, entre outras e para ser considerada bem elaborada deve considerar o conhecimento prévio dos alunos, seus interesses, habilidades e necessidades específicas, além de estar alinhada aos objetivos educacionais e ao conteúdo curricular.

A sequência didática, aqui implementada, mostrou-se, de fato, que é uma ferramenta importante para planejar, implementar e avaliar o ensino, com o objetivo de promover uma aprendizagem significativa e duradoura. Também pode ser utilizada em diferentes áreas do conhecimento, como matemática, ciências, história, geografia, literatura, entre outras. Pode ser aplicada tanto em sala de aula quanto em outros contextos de aprendizagem, como em cursos de formação continuada ou em projetos educacionais.

Aqui foram expostos alguns conceitos acerca de gramática, todavia o ensinamento de maior relevância é poder afirmar que os conhecimentos adquiridos e trazidos pelos alunos não devem ser ignorados, muito pelo contrário, precisam ser trabalhados de forma que eles sintam interesse em compartilhar pensamentos criativos, críticos, coerentes e que expressem suas opiniões. Para construir texto, sem que estes textos sejam obrigatoriamente, encaixados num determinado tipo de gramática que exigem apenas normas estabelecidas de forma elitista.

A gramática pode ser utilizada por indivíduos que têm o desejo de se expressar de forma adequada, pode ser vista apenas como uma estrutura e o funcionamento da língua (forma e função) e pessoas que consideram a língua como um conjunto de variedades usadas pela sociedade numa situação comunicativa entre os usuários da língua e que existem três tipos de gramática: a gramática normativa, a gramática descritiva e a gramática internalizada.

Ressalta-se que não se deve pensar que existe apenas uma única gramática e que é necessário que seja utilizada uma gramática para cada tipo de situação ou para cada discurso, pois a gramática não deve ter uma forma engessada. Existem muitas gramáticas, cada uma com suas próprias regras e convenções, que são usadas por diferentes comunidades linguísticas em todo o mundo. Além disso, mesmo dentro de

uma mesma língua, pode haver variações na gramática dependendo de fatores como o contexto social, o nível de formalidade e o grau de educação dos falantes. Por exemplo, a gramática usada em um discurso formal pode ser diferente da gramática usada em um discurso informal ou coloquial.

A gramática é uma descrição das regras e convenções de uma língua, e não uma prescrição de como a língua deve ser usada. Embora seja útil conhecer e seguir as convenções gramaticais de uma língua para se comunicar de forma clara e eficaz, em especial, em contextos que requer uma produção com alto grau de monitoração. É importante reconhecer que a linguagem é dinâmica e evolui constantemente.

Neste trabalho, os alunos receberam suas produções textuais com ponderações e considerações acerca do conteúdo produzido. Eles foram orientados a continuarem produzindo textos desta natureza para que, futuramente, possam encaminhar suas produções para as autoridades competentes, tornando-se agentes atuantes e protagonistas no processo da resolução do problema dos animais abandonados na cidade de São João do Sabugi e para que os mesmos possam constatar a evolução da própria escrita em seus trabalhos.

Concluimos que o trabalho conseguiu atingir todos os objetivos propostos, e ainda despertou o desejo de discentes para elaborarem textos capazes de expressar suas opiniões e sentimentos, numa situação que eles consideram importante a maneira como esses pensamentos e sentimentos serão convertidos nas palavras usadas na construção desses textos. Espera-se que trabalhos desta natureza possam inspirar outros professores que trabalham arduamente para melhoria do sistema educacional e que possam sentir o interesse de participar do curso de mestrado e ampliar os conhecimentos que devem ser compartilhados com seus alunos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandê. **Aula de Português: encontro & interação**. Parábola Editorial. São Paulo. 2010.

ANTUNES, Irandê. **Gramática contextualizada: limpando “o pó das ideias simples”**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

ANTUNES, Irandê. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. 4ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BEAUGRANDE, Robert-Alain de, DRESSLER, Wolfgang U. **Introduction to text linguistics**. Londres, Longman, 1981.

BOFF, Odete M. B.; KÖCHE, Vanilda S.; MARINELLO, Adiane F. **O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação**. **ReVEL**, vol. 7, n. 13, 2009. [www.revel.inf.br].

BORDIM, Caroline T.; PINTON, Francieli M.; SCHIMITT, Rosana Maria. **Produzindo Artigo de Opinião**. Coleção "Produzindo gêneros textuais na escola. Santa Maria - RS, 2019. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/483/2020/03/Cad-did_Art-opinião-05-08-2019-4.pdf>. Acesso em agosto de 2022.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?: Sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. 263p.

BRÄKLING, Kátia Lomba. Trabalhando com artigo de opinião: re-visitando o eu no exercício da (re)significação da palavra do outro. In: ROJO, Roxane (Org.). **A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCN**. São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000, p. 221-247.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - Agência IBGE Notícias. Censo 2022. Online. 2023. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37237-de-2010-a-2022-populacao-brasileira-cresce-6-5-e-chega-a-203-1-milhoes>>. Acesso em 25 de agosto de 2023.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: 144p. 1997. Disponível em: <<https://cptstatic.s3.amazonaws.com/pdf/cpt/pcn/volume-02-lingua-portuguesa.pdf>>. Acesso em 20 de julho de 2023.

BUNZEN, Clecio. **O ensino de “gêneros” em três tradições: implicações para o ensino/aprendizagem de língua materna**. In: São Carlos: GRUPOS DE ESTUDOS DO DISCURSO (2004).

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública**: como o discurso manipula as escolhas políticas. São Paulo: Contexto, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Vereda da Palavra. 2018. Disponível em: <<https://psicod.org/veredas-da-palavra-v4.html?page=118>>.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita**: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. Gêneros orais e escritos na escola. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Pour un enseignement de l'oral. Initiation aux genres formels à l'école**. ESF Editeur, Paris, 1998.

FARACO, Carlos Alberto. *Ensinar x não ensinar gramática*: ainda cabe essa questão? Caleidoscópio, Vol. 4, n. 1, p. 15-26, jan/abr 2006.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2008.

FRANCHI, Carlos. **Gramática e criatividade**. São Paulo: Secretaria da Educação/Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP, 1991.

FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo “gramática”?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

GUEDES, Paulo Coimbra. **Da redação escolar ao texto**: um manual de redação. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

HOUAISS UOL. Dicionário da Língua Portuguesa Online. 2023. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1>. Acesso em fevereiro de 2023.

KAUFMAN, Ana Maria; RODRÍGUEZ, Maria Elena. **Escola, leitura e produção de textos**. Artes Médicas: Porto Alegre, 1995.

KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. 22^a ed. São Paulo - SP: Contexto. 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, Evanielle F.; NEVES, Herbertt. **Concepções de gramática no caderno Pontos de Vista da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro**:

orientações para atividades com gramática normativa e internalizada. *Eutomia Revista de Literatura e Linguística*. Recife, v. 23, n. 1, p. 129-146. 2019.

MACIEL, Rosa Maria H; SILVA, Luciana P. **Reflexões sobre as gramáticas no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa**: a contribuição dos gêneros textuais. In: Os desafios da Escola Pública paranaense na perspectiva do professor PDE - Artigos. 2016. Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_port_utfpr_rosemariaheidemannmaciel.pdf>. Acesso em 1 de novembro de 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A questão do suporte dos gêneros textuais**. UFPE/CNPq – 2003 (Versão provisória de 18/05/2003).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade In: DIONÍSIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora. - 5.ed. - Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de texto**: o que é, como se faz. Recife: Universidade Federal de Pernambuco (Série Debates 1). 1983.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual**, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MINAYO, M. C. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, Vozes, 2002.

MIRANDA, M. G.; RESENDE, A. C. A. **Sobre a Pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo**. *Rev. Bras. de Educação*. Rio de Janeiro - RJ., vol. 11. nº 33, p. 511-565. set./dez., 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na língua Portuguesa. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006. 336p.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida. L. *Texto e contexto*. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.) *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 237-258

PORTAL SÓ PORTUGUÊS. **Língua falada e língua escrita**. 2007. Disponível em: <<https://www.soportugues.com.br/secoes/seman/seman3.php>>. Acesso em agosto de 2022.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 2 ed. Campinas, Mercado de Letras, 2012, 95 p.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Prefácio à edição brasileira de Isaac Nicolau Salum. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQyyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em agosto de 2022.

VIEIRA, Silvia R. **Gramática, variação e ensino**: diagnose e propostas pedagógicas. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda, 2018

ANEXOS

ANEXO 1 – TEXTO CIRCUITO FECHADO (RICARDO RAMOS)

Chinelo, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoadura, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapo. Quadros. Pasta, carro. Mesa e poltrona, cadeira, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, bloco de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, telefone. Bandeja, xícara pequena. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vale, cheques, memorando, bilhetes, telefone, papéis. Relógio, mesa, cavalete, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, bloco de papel, caneta, projetor de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. Mesa, toalha, cadeira, copo, pratos, talheres, garrafa, guardanapo, xícara. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, telefone interno, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, telefone, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesas, cadeiras, prato, talheres, copos, guardanapos. Xícaras. Poltrona, livro. Televisor, poltrona. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, chinelos. Vaso, descarga, pia, água, escova, creme dental, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro

ANEXO 2 – TEXTO O SHOW (AUTOR DESCONHECIDO)

O cartaz

O desejo

O pai

O dinheiro

O ingresso

O dia

A preparação

A ida

O estádio

A multidão

A expectativa

A música

A vibração

A participação

O fim

A volta

O vazio

ANEXO 3 - TEXTO GERAÇÃO DO CELULAR

Inaê Soares da Silva

O uso do celular é considerado atualmente o maior entretenimento dos brasileiros, tem ocupado quase a metade das horas vagas da população e especialistas confirmam que as pessoas estão viciadas. Os usuários não usam o celular ou a internet apenas para olhar uma mensagem ou outra, e sim, ficam vidrados o dia inteiro, seja na rua, na praça, com os amigos e até mesmo no trabalho. As pessoas precisam aprender ter mais contato com o mundo real.

As crianças estão passando horas do seu tempo livre em frente ao computador ou no celular em jogos que poderiam ser utilizadas para uma leitura de bons livros ou para uma conversa com os amigos. Adultos chegam do trabalho já vão conferir as últimas atualizações dos aplicativos de relacionamentos e até idosos estão aderindo à nova tecnologia. A cultura da população está mudando e isso preocupa.

Acredito que as redes sociais foram criadas para que nós tivéssemos mais contato com as pessoas, mas está totalmente ao contrário. O que veio para aproximar, acabou afastando. As redes sociais estão fazendo as pessoas antissociais umas com as outras. A comunicação que prevalece é a virtual e a prática de boas atitudes humanas, como o “bom dia”, “por favor”, são raros.

Temos que incentivar às crianças, aos adolescentes e até aos adultos a se desconectarem do mundo virtual para se conectarem com o mundo real. Deixar o celular desligado quando estiver em família, curtir um passeio sem tantas selfies e dar preferência ao bate-papo olho-no-olho são situações que fortalecerão o relacionamento e o amor.

*Da Silva, Inaê Soares. Escola João Moreira Barroso.
Setembro de 2017 (Adaptado). Professor Maurício Araújo*

ANEXO 4 – TEXTO POLÊMICA SOBRE A CARROCINHA NA CIDADE DE SÃO JOÃO DO SABUGI - RN

No dia 24 de maio foi publicado no Portal da Transparência da Prefeitura Municipal de São João do Sabugi/RN uma nota que trata de uma parceria entre a Prefeitura dessa localidade com o Ministério Público Estadual, no intuito de recolher animais errantes abandonados com uso de veículo de captura, mais precisamente conhecido por Carrocinha. A nota afirma que a partir do dia 28 de maio a prefeitura estaria pondo em prática essas ações, causando alvoroço na sociedade, não somente local, mas em todo o Estado e em algumas cidades do Estado da Paraíba.

A Associação Caicoense de Proteção aos Animais e Meio Ambiente – ACAPAM, de reconhecimento pelo Governo do Estado como Utilidade Pública, procurou esclarecimentos junto a Prefeita Municipal, a Sra. Lydice Araújo de Medeiros Brito – MDB/RN, onde fora informado que a ação tramitaria da seguinte forma: recolhimento de animais das ruas; encaminhamento para o Centro de Controle de Zoonoses do Município de Serra Negra do Norte/RN; passaria por triagem e exames; e encaminhado para abrigo e posto a adoção.

Salienta-se que a Lei Federal 9.605/98 é omissa quando se trata do uso da carrocinha. Todavia, no Estado do RN foi sancionada a Lei 10.326 de 2018, que institui a Lei de Proteção e Defesa dos Animais, proibindo quaisquer tipos de maustratos, seja enclausurar ou sacrificar com métodos não preconizado pela Organização Mundial de Saúde – OMS.

Com base nessas alegações, a ACAPAM procurou o Deputado Estadual Sandro Pimentel – PSOL/RN, considerado protetor nato da causa animal, que por sua vez se sensibilizou e de imediato tomou as primeiras providências no tocante à inibição dessa ação municipal, sendo elas: acionou o Ministério Público Federal bem como impetrou ação de tutela inibitória na tentativa de impedir o início dessa ação no município de São João do Sabugi/RN.

Questiona-se, quais seriam os procedimentos a serem adotados para tentar sanar essa problemática no município? Tendo em vista que o único abrigo reconhecido na região é a ACAPAM, para onde seriam encaminhados os animais capturados? Quais os indícios de contaminações no município para que a Gestão tomasse essa atitude? Quais os documentos comprobatórios que assegura essa

ação? Contudo, de fato, uma audiência pública seria o ponto inicial para tentar esclarecer e sanar essa problemática.

*Wanderlyn W. A. Fernandes
Assessoria Jurídica ACAPAM*

A postagem foi feita na rede social ACAPAM-RN, no Facebook no link:
<https://www.facebook.com/acapamcaicorn/photos/a.840385759501321/1094570047416223/?type=3>